



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**La Verneda: Sentimento de comunidade num bairro
segundo uma perspectiva ecológica**

João Barreiro Semedo Louro

Orientador de Dissertação:

José Henrique Pinheiro Ornelas

Professor de Seminário de Dissertação:

José Henrique Pinheiro Ornelas

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2017

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de José Henrique Pinheiro Ornelas, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

Agradeço profundamente a todos os que me ajudaram a terminar esta Dissertação de Mestrado. Foi uma etapa que completei acompanhado por todos os que tiveram ao meu lado.

Ao professor José Ornelas pelo apoio que me deu, pelas sugestões e críticas construtivas, por confiar em mim e por partilhar comigo a sua paixão pela psicologia comunitária. Aos professores Moisés Carmona e Ruben Fernández por me ajudarem com a tradução e adaptação do instrumento usado nesta dissertação para castelhano, por estarem sempre presentes quando necessitei e por partilharem comigo conhecimentos e momentos únicos. Ao professor Sérgio Moreira por me ter orientado com as análises estatísticas.

Aos meus pais que sempre se preocuparam comigo ao longo da minha vida e que apesar de termos estado longe ao longo deste ano, sempre senti de perto a sua presença e o seu apoio.

À Alicia que me ajudou na recolha de dados, por me ter dado confiança para falar com os moradores do bairro, por ter disponibilizado horas do seu tempo para me ajudar ao longo deste processo e por todos os bons momentos a bailar *blues*. Ao Zé Pedro pelas horas de Skype, pelos apontamentos e pelo tempo que dedicou para que eu me mantivesse em contacto com Portugal. Ao Ricardo Alvim por me ajudar a encontrar a luz ao fundo do túnel com o SPSS e com a análise dos resultados.

Aos meus colegas de casa David e Simão, porque nunca senti um sentimento de comunidade tão forte como foi viver com eles e porque nunca me deixaram sentir sozinho. Nunca me esquecerei da República Independiente del Carmel.

Ao João Rocha, ao Miguel Vieira e ao Vasco Rodrigues, por sempre acreditarem em mim. À Alexandra Quaresma por aturar as minhas dúvidas, preocupações e por ter marcado a minha vida de uma forma tão especial. À Maria Inês por toda a ajuda que me deu e por todos os bons e maus momentos que vivemos em Barcelona, irmãos para sempre.

A todos os moradores do bairro de La Verneda que participaram neste estudo. Pelas histórias que partilharam comigo, pela compreensão que tiveram, pelos gritos e pelos risos.

Dedicado à Tina e ao Tio Rui. Pelos momentos que passámos juntos e por me terem ajudado a ser quem sou.

Resumo

A literatura sobre o sentimento de comunidade em comunidades territoriais tem vindo a decrescer e é pertinente a aplicação de novas abordagens e de novos métodos de análise do sentimento de comunidade nestas comunidades. O presente estudo pretendeu investigar o sentimento de comunidade numa comunidade territorial, nomeadamente num bairro urbano em Barcelona, segundo uma perspectiva ecológica, i.e., examinando a experiência de cada morador enquanto parte de um sistema. Para tal, utilizou-se o *Psychological Sense of Community Scale* (PSC) que se traduziu e adaptou ao castelhano. Também se investigou a relação entre o sentimento de comunidade e algumas variáveis sociodemográficas. Através de uma análise factorial confirmatória encontrou-se um bom ajustamento do modelo com os factores a apresentarem entre boas a aceitáveis consistências internas. Encontraram-se diferenças significativas no sentimento de comunidade entre homens e mulheres e a idade, o tempo de residência e ter vivido sempre no bairro foram preditores do sentimento de comunidade. Concluiu-se que a abordagem e o instrumento ecológicos utilizados no presente estudo revelaram ser eficazes para investigar o sentimento de comunidade numa comunidade territorial e apresentaram-se sugestões para futuras investigações.

Palavras-chave: sentimento de comunidade, comunidade territorial, bairro, ecologia

Abstract

Literature regarding sense of community in territorial communities has been decreasing and it is relevant to apply new approaches and new methods of analysing sense of community in these communities. The present study aimed to investigate sense of community in a territorial community, namely in an urban neighbourhood in Barcelona, from an ecological perspective, i.e., examining each resident's experience as a part of a system. To do so, the instrument used was the *Psychological Sense of Community Scale* (PSC) which was translated and adapted to Spanish. It was also investigated the relationship between sense of community and a few socio-demographic variables. Through a confirmatory factor analysis good measurement fit was found with factors having from good to acceptable internal reliabilities. Significant differences were found on sense of community between men and women, and age, length of residence and having always lived in the neighbourhood were predictors of sense of community. The ecological approach and instrument used in this study proved to be effective in investigating sense of community in a territorial community and suggestions for future research were presented.

Keywords: sense of community, territorial community, neighbourhood, ecology

Índice

Enquadramento Teórico	1
Método	9
Participantes.....	9
Procedimento.....	10
Instrumento.....	10
Análise de Dados.....	11
Resultados	12
Estrutura Factorial.....	12
Análises de Comparação de grupos.....	14
Análise de Correlações.....	14
Análise de Regressão.....	15
Discussão	16
Limitações	19
Conclusões e considerações para o futuro	21
Referências	23
Anexos	30
Anexo I.....	30
Anexo II.....	31
Anexo III.....	32
Anexo IV.....	33

Enquadramento Teórico

Desde que surgiu a teoria de Sarason (1974) sobre o sentimento de comunidade, este conceito começou a ser considerado fundamental no desenvolvimento da psicologia comunitária. Sarason (1974) considerou-o um sentimento de pertença através do qual um indivíduo se percebe a si mesmo enquanto parte integrante e significativa de um colectivo maior e de uma rede de relações interdependentes e de apoio mútuo em que se pode depender e confiar. O sentimento de comunidade segundo Sarason (1974) segue um modelo ecológico que insere a experiência de um indivíduo dentro de um grupo em três níveis ecológicos: o self (o individual), as interações com os outros (microsistema), e a organização/contexto (macrossistema) (Jason, Stevens, & Ram, 2015).

Bronfenbrenner (1979) enfatizou a interação recíproca de um indivíduo com outras pessoas, objectos e símbolos dos ambientes e contextos com os quais está em contacto directo ou indirecto. O autor definiu a ecologia do desenvolvimento humano como sendo o estudo científico sobre a acomodação progressiva e mútua entre um ser humano activo em desenvolvimento e as propriedades de mudança dos ambientes imediatos em que esse ser humano vive, nos quais o processo de acomodação é afectado pelas reacções entre esses ambientes e também pelos contextos mais amplos em que os ambientes se inserem (Bronfenbrenner & Ceci, 1994). O ambiente ecológico envolve a situação imediata, as inter-relações entre os ambientes e as influências externas, identificando-se vários níveis de influência ambiental que formam um conjunto de estruturas seriadas (Bronfenbrenner, 1979). Segundo o autor, o menor nível, o microsistema representa o padrão de actividades, regras sociais e relações interpessoais experienciadas cara-a-cara e ajustadas a características sociais, psicológicas e simbólicas particulares que permitem ou inibem um compromisso de interacção com o meio imediato. Por sua vez o maior nível, o macrossistema, engloba os outros sistemas e consiste numa rede de interconexões entre eles, no seio de uma dada cultura ou subcultura, com ênfase nos sistemas de crenças, estilos de vida, estruturas políticas e de oportunidades, riscos e opções de curso de vida que se incluem em cada um destes sistemas.

Ao se examinarem estes sistemas segundo uma perspectiva ecológica, surge como referência o modelo ecológico de Kelly (2006). Num sistema como um bairro existe interdependência pois os moradores afectam e são afectados pelo espaço em que coabitam não só num determinado momento, mas também numa interacção dinâmica ao longo do tempo. Outro ponto do modelo ecológico é que procura descobrir os recursos naturais de um sistema

e criar condições para que os seus integrantes os reconheçam e valorizem, e assim o sistema poder obter a energia imprescindível à sua manutenção e desenvolvimento (Ornelas, 2008). Além disso, o ambiente afecta os estilos de adaptação, ou seja, existe um desafio adaptativo inerente quer às pessoas quer aos sistemas, baseado na manutenção e preservação da integridade e no desenvolvimento de novos recursos (Kelly, 1986). Kelly (2006) refere ainda que existe uma sucessão, ou seja, que os sistemas sociais e os ambientes mudam ao longo do tempo, não são estáticos, devendo, por isso, ser feita uma compreensão das interdependências, dos ciclos de recursos, e dos processos de adaptação em termos desse padrão de mudança.

O estudo sobre o sentimento de comunidade em bairros tem sido abordado de diversas formas e segundo várias perspectivas ao longo dos anos e isto em parte tem-se devido ao surgimento da investigação em comunidades de interesses e em comunidades virtuais, estas que por sua vez afectaram o modo como se estudavam comunidades territoriais, ou de lugar, como os bairros. Actualmente, embora existam comunidades territoriais, o território já não é um pré-requisito para haver interações sociais e, deste modo, a noção de lugar já se pode separar da definição de comunidade (Farahani, 2016). Nas sociedades urbanas modernas não só as relações sociais estão livres do local e do espaço, como também os próprios meios de transporte e de comunicação reduziram a dependência dos indivíduos aos seus bairros para satisfazerem as suas necessidades (Hunter & Suttles, 1972; Webber, 1963). Com o surgimento de comunidades de interesses e de comunidades virtuais, houve uma redução da importância dada às comunidades territoriais (Farahani, 2016).

Enquanto comunidades territoriais, os bairros são entidades socio-espaciais (Cutchin, Eschbach, Mair, Ju, & Goodwin, 2011), i.e. uma mistura complexa entre geografia e relações entre pessoas que varia consoante os aspectos demográficos e psicológicos dos residentes e do espaço físico. Deste modo, mudanças no ambiente físico ou social podem levar a mudanças no modo como os residentes definem os seus bairros (Lohmann & McMurrin, 2009). No entanto, para além da interacção entre o social e o espacial, o que pode ter um papel mais importante na caracterização de um bairro poderá ser o seu contexto local, ou seja, como os residentes definem o seu bairro (Cummins, Macintyre, Davidson, & Ellaway, 2005; Entwisle, 2007). As dimensões dos bairros podem ser descritas em vários factores tais como o *design* físico (ex. o tipo de casas e a arquitectura, as ruas e os parques, a identidade geográfica), a composição social (ex. o sentimento de comunidade, familiaridade, relações e apoio social, identidade), a composição experiencial (ex. comportamento da vizinhança) e a composição simbólica, esta baseada nas ligações institucionais ou no significado partilhado do bairro (ex.

a identificação com o bairro ou com a história) (Aitken, Stultz, Prosser, & Chandler, 1993; Chaskin, 1997; Galster, 2001; Haerberle, 1988; Hunter, 1974).

Uma categoria que existe dentro das comunidades territoriais são as comunidades urbanas. No entanto, os limites comumente usados para delimitar os bairros, como os códigos postais, por vezes não correspondem aos padrões que ocorrem naturalmente nas comunidades que existem nestes territórios urbanos (Coulton, Korbin, Chan, & Su, 2001). Kusenbach (2008) investigou sobre a hierarquia das comunidades urbanas, tendo definido uma hierarquia de quatro dimensões/zonas de uma comunidade territorial: micro contextos, quarteirões, secções de bairros a uma distância relativa a pé, e enclaves dos bairros. Criou estas categorias com base em padrões de uso prático dos espaços, sentimentos e interações entre moradores. O estudo demonstrou, primeiro, que um bairro, i.e. uma configuração territorial, é o contexto para uma hierarquia de comunidades com diferentes características e diferentes níveis de interação e, segundo, que a configuração espacial de um bairro é o que determina a hierarquia dos padrões dos moradores. Deste modo, evidenciou-se que existem comunidades locais e que estas se formam à volta das configurações espaciais dos bairros.

McMillan e Chavis (1986) operacionalizaram o conceito de sentimento de comunidade e identificaram quatro elementos chave. Por “estatuto de membro” referiam-se ao sentimento de pertença, identificação, segurança e compromisso para com a comunidade; por “influência” referiam-se à ideia de que se pode fazer a diferença para o grupo e que o grupo pode ser importante para os membros; por “integração e satisfação de necessidades” apontavam que devido ao seu estatuto de membros, estes terão acesso a recursos que darão resposta às suas necessidades; e por “ligações emocionais partilhadas” referiam-se à partilha de valores, história, lugares, tempo e experiências.

A ligação entre o modelo de Kusenbach (2008) com o modelo de sentimento de comunidade de McMillan e Chavis (1986) sugere que o sentimento de comunidade num bairro pode ocorrer através de uma hierarquia de diferentes níveis de intimidade (Farahani, 2016). Enquanto nas quatro dimensões do modelo de Kusenbach o elemento de estatuto de membro é o mesmo, os elementos de influência, integração e satisfação de necessidades e ligações emocionais partilhadas podem variar consoante o nível de proximidade e distância territorial. A aplicação do termo “ligações emocionais partilhadas” do modelo de McMillan e Chavis assemelha-se ao elemento de “sentimento” no modelo de Kusenbach. No modelo de Kusenbach, na escala mais pequena de comunidade (micro contextos), a ligação entre os

moradores é baseada em confiança e dependência, enquanto que na escala maior do bairro (enclaves dos bairros), o sentimento muda para conforto e pertença, o que pode sugerir diferentes níveis de sentimento de comunidade em distâncias territoriais diferentes (Farahani, 2016). A existência de níveis hierárquicos no sentimento de comunidade de bairros indica que as comunidades locais não são e não podem ser responsáveis por oferecer o máximo possível de componentes afectivas em todas as dimensões ou mesmo em qualquer uma das quatro dimensões do bairro (Farahani, 2016). No entanto, o bairro, enquanto comunidade territorial, não tem a responsabilidade nem a capacidade de proporcionar o contexto para a criação dos maiores laços afectivos e dos níveis mais altos de intimidade. O valor das comunidades locais não se prende com a quantidade de intimidade que proporcionam, mas sim com a vantagem da proximidade (Farahani, 2016). Esta vantagem proporciona aos moradores oportunidades diárias de interações cara a cara que outras redes sociais podem não conseguir oferecer. Apesar desta vantagem, os moradores podem nem se relacionar apesar de viverem muito perto uns dos outros, reforçando a ideia que os padrões entre moradores são definidos não pela intimidade, mas sim pela proximidade. Apesar disso, um nível mais baixo de intimidade nos bairros não significa que não exista um potencial para um sentimento de comunidade. Isto porque os interesses partilhados dos moradores não têm de originar do seu afecto uns pelos outros, mas por outro lado podem derivar de interesses partilhados em melhorar as qualidades da sua comunidade local e do espaço comum em que vivem (Farahani, 2016).

Hunter (1975) descobriu que quando os moradores partilham os mesmos valores e necessidades, podem-se criar laços sociais fortes entre eles que por sua vez levam a um sentimento de comunidade mais forte. Um modo para estes laços sociais serem partilhados é irem-se desenvolvendo ao longo do tempo. Este compromisso ou fixação ao bairro e aos seus moradores é conhecido como radicação física (Riger & Lavrakas, 1981) e um dos aspectos em que se baseia é no tempo de residência num sítio. O tempo de residência num bairro é uma variável sociodemográfica preditora da qualidade de vida e do sentimento de comunidade (Karaçor & Şenik, 2016; Robinson & Wilkinson, 1995; Rogers & Sukolratanamete, 2009). Ou seja, as pessoas que vivem no mesmo lugar durante vários anos aumentam as relações com os outros moradores e, por sua vez, têm um maior sentimento de comunidade e mais qualidade de vida (Chavis, Hogge, McMillan, & Wandersman, 1986; Chipuer & Pretty, 1999; Prezza, Amici, Roberti, & Tedeschi, 2001). A vinculação a um bairro, enquanto exemplo de vinculação a um lugar, é um laço emocional positivo que se desenvolve entre os indivíduos e o seu bairro (Low & Altman, 1992). O tempo de residência, o envolvimento social no bairro

e, ainda que com menor influência, as percepções subjectivas de um indivíduo sobre o seu bairro, podem afectar a vinculação ao bairro, i.e. à comunidade territorial (Hummon, 1992). Além disso, os residentes que conhecem os seus vizinhos e que se sentem parte do seu bairro experienciam uma vinculação e laços sociais fortes (Farahani, 2016). De igual modo, o aspecto de estatuto de membro do sentimento de comunidade pode contribuir para o compromisso ou vinculação de um indivíduo com um bairro e para a satisfação com esse bairro (Cohrun, 1994).

O facto de o sentimento de comunidade poder ser construído em níveis (desde um nível mais individual até um nível maior, como um bairro) e contextos múltiplos, torna-o num conceito complexo de analisar (Kingston, Mitchell, Florin, & Stevenson, 1999). De acordo com Weisenfeld (1996), algumas noções idealizadas do sentimento de comunidade podem levar-nos a negligenciar a diversidade de perspectivas que de facto existem, e fazer suposições injustificadas sobre até que ponto um sentimento de comunidade existe dentro de certas comunidades. Além disso, preditores de sentimento de comunidade de nível individual podem ser inadequados para abordar questões relacionadas com a intervenção ao nível de um bairro. De modo semelhante, relações de nível individual podem não estar sempre presentes quando se olha para o agregado de relações que existem ao nível de um bairro (Kingston et al., 1999). Ou seja, alguns aspectos do sentimento de comunidade podem-se verificar do ponto de vista individual, mas se se tem em conta o ponto de vista do bairro podem variar.

Quanto à medição do sentimento de comunidade, embora tenha havido muito entusiasmo quando a teoria de Sarason (1974) de sentimento de comunidade surgiu, a construção de um instrumento que o medisse foi bastante difícil, havendo poucos resultados que apoiassem a teoria. Por exemplo, a estrutura de quatro factores de McMillan e Chavis (1986), de modo geral, não foi confirmada por estudos de análise de factores (Chipuer & Pretty, 1999; Stevens, Jason, & Ferrari, 2011). Foi confirmada no estudo de Peterson, Speer e McMillan (2008), com o *Brief Sense of Community Scale* (BSCS), mas a correlação dos factores era tão alta que o uso desta escala ao nível de um factor individual é problemático (Jason, Stevens, Ram et al., 2016). Houve outras tentativas de reformular o modelo de McMillan e Chavis, como Long e Perkins (2003) que mantiveram três factores que consistiam em ligações sociais, preocupações mútuas, e valores comunitários. No entanto, esse modelo não apresentava consistências internas aceitáveis ao nível das subescalas (Jason, Stevens, Ram et al., 2016). Como o conceito de sentimento de comunidade tenta capturar interacções tendo em conta diferentes níveis de influência (ex. sentimentos individuais, comportamentos

relacionais, e características do contexto), tem sido difícil construir instrumentos que consigam capturar esta multidimensionalidade (Jason, Stevens, Ram et al., 2016).

Mais recentemente, Jason et al. (2015) sugeriram que o sentimento de comunidade oferece uma informação única quando a experiência de um indivíduo é examinada enquanto parte de um sistema. A partir desta perspectiva ecológica, os autores construíram um instrumento de três factores, o *Psychological Sense of Community Scale* (PSC). Conceptualizaram a experiência de um indivíduo como resultado de este pertencer a três níveis ecológicos. O maior nível, o da *Entidade*, é a unidade na qual a comunidade é formulada (ex. um bairro, escola ou organização). De modo a estudar este domínio, incorporaram itens que se referem a características do grupo, como metas comuns, propósito, e objectivos. O nível seguinte, *Estatuto de membro*, refere-se às relações entre os membros do grupo (ex. vizinhos num bairro, estudantes de uma escola). O terceiro nível, o “individual” ou *Self*, acede à significância, compromisso, e vinculação emocional experienciados pelos membros. Deste modo, e diferentemente das formas anteriores de medir o sentimento de comunidade, esta escala examina segundo os níveis ecológicos individual, microssistema e macrossistema (Jason et al., 2015). A visão dos autores é que quando se pensa em sentimento de comunidade, o ponto de referência é crucial, tendo em conta que uma pessoa pode ter um sentimento de comunidade diferente para diferentes Entidades, como quando está no trabalho ou quando está no seu bairro. Também pode haver sentimentos de comunidade diferentes dentro de uma Entidade dependendo de quais membros estão a ser considerados.

Foi encontrada uma boa qualidade do ajustamento do modelo e o instrumento evita problemas previamente identificados com itens escritos de forma negativa, assim como com um baixo número de itens por factor (Jason et al., 2015). O instrumento também teve boa validade convergente com o BSCS (Peterson, Speer, & McMillan, 2008), ou seja, com um instrumento baseado na conceptualização de McMillan e Chavis (1986). Para além de ter uma consistência interna alta, apenas existem nove itens, fazendo com que o instrumento seja fácil de administrar a uma grande variedade de grupos comunitários, o que apoia este novo modo de analisar e conceptualizar o sentimento de comunidade (Jason et al., 2015). Além disso, o instrumento tem uma certa flexibilidade para se focar em tipos particulares de Entidades e de Estatutos de membros, de modo a que se consiga adaptar o instrumento a uma variedade de contextos e situações. Deste modo, Jason et al. (2015) criaram um instrumento que tem suficientes indicadores por factor para ser fiável; para ser flexível para que os investigadores consigam obter descrições precisas do sentimento de comunidade para várias entidades; e

para ser sensível o suficiente para que se possa diferenciar entre sentimentos de comunidade altos e baixos. Na escala de Jason et al. (2015) houve um efeito multiplicativo que indicou que cada domínio é de importância, ou seja, que a Entidade e os outros domínios são componentes necessários mas não são suficientes do sentimento de comunidade. Uma pessoa pode experienciar um forte sentimento de Entidade, mas não de Estatuto de membro ou de Self, e nesse caso, pode não ter um forte sentimento de comunidade. Os três componentes do sentimento de comunidade são necessários para um indivíduo sentir um forte sentimento de comunidade. Isto sugere que cada domínio do sentimento de comunidade contribui de modo único para a experiência de um indivíduo (Jason et al., 2015).

Esta nova abordagem representa uma melhoria em relação às tentativas prévias de analisar o sentimento de comunidade, na medida em que esta representação do constructo tem a vantagem de oferecer uma perspectiva detalhada da relação interactiva entre a experiência individual de um sujeito com um grupo e com as características desse grupo, procurando captar como esses aspectos se relacionam com o seu bem-estar (Jason, Stevens, Ram et al., 2016). De certo modo, esta definição capta a teoria de Sarason referida anteriormente, definindo o sentimento de comunidade como incluindo níveis múltiplos: uma estrutura estável (Entidade), interdependência com os outros (Estatuto de membro), e uma disposição a manter essa interdependência (Self) (Jason, Stevens, Ram et al., 2016).

Recentemente, o estudo de Jason et al. (2015) foi replicado com uma amostra comunitária de pessoas que viviam ou já tinham vivido num centro de recuperação comunitário, no qual se concluiu que a confiança entre membros e o sentimento de comunidade podiam ser importantes para fomentar esperança em indivíduos em recuperação de problemas de consumo de substâncias (Jason, Stevens, & Light, 2016).

Tendo como base os resultados dos estudos prévios e o potencial do PSC, é pertinente que um instrumento que siga uma perspectiva ecológica seja aplicado em comunidades territoriais. Se o sentimento de comunidade pode variar consoante a configuração espacial de um bairro (Farahani, 2016), então é relevante estudar o sentimento de comunidade segundo uma perspectiva ecológica, ou seja, indivíduo (morador), microssistema (relações entre moradores), e macrossistema (bairro). Partindo deste pressuposto, o objectivo deste estudo consistiu em medir e reflexionar sobre o sentimento de comunidade segundo uma perspectiva ecológica num bairro, i.e. numa comunidade territorial. O propósito deste estudo prendeu-se com o facto de o sentimento de comunidade nunca ter sido medido segundo uma perspectiva

ecológica numa comunidade territorial e da necessidade de replicar os resultados dos estudos de Jason et al. (2015) e de Jason, Stevens e Light (2016) com amostras diferentes. Sendo a amostra uma comunidade territorial, e, assim, mais concreta, fez com que o alcance da medição seja mais fácil e generalizável, o que seria mais difícil com uma comunidade mais geral e abstracta (comunidade relacional) (Halamová, 2016; Jason, Stevens, Ram et al., 2016).

Assim, o presente estudo visou adaptar e a analisar as características psicométricas do *Psychological Sense of Community Scale* (PSC) aplicado numa comunidade territorial, nomeadamente um bairro espanhol. Como o PSC é recente, não foi encontrada nenhuma versão deste instrumento na língua castelhana, pelo que outro objectivo pertinente do estudo foi a sua tradução e utilização em castelhano. Além disso, também se analisou o modo como os resultados variavam em função de algumas variáveis sociodemográficas.

O contexto onde o estudo se realizou foi numa secção do bairro La Verneda i La Pau, chamada La Verneda, na cidade de Barcelona, ou seja, numa comunidade territorial urbana. Trata-se de um bairro de perfil operário com uma grande densidade de edifícios e de população, que historicamente tem tido um grande défice de equipamentos e serviços que se tem tentado melhorar nos últimos anos graças às continuadas reivindicações dos moradores. Quase dois terços da população têm nacionalidade espanhola, enquanto que 37% da sua população tem nacionalidade estrangeira (Câmara Municipal de Barcelona, 2012, 2016b). Selecionou-se apenas uma secção do bairro para reduzir o território geográfico a ser analisado, pois, em cidades, os indivíduos definem o território do seu bairro ao nível dos blocos (Whyte, 1956; Appleyard, 1981). O estudo teve como amostra os moradores desta secção, sendo La Verneda a Entidade da investigação. Foi pedido aos participantes que respondessem a um inquérito tendo em conta o seu bairro e a sua experiência neste enquanto moradores, pretendendo-se avaliar o seu sentimento de comunidade. Teve-se em conta todas as idades a partir dos 18 anos, para posteriormente se analisar se existia uma relação entre a idade e o sentimento de comunidade e se existiam diferenças consoante as faixas etárias. Também se fez uma análise para ver se existiam diferenças entre sexos. Como a literatura tem apresentado resultados divergentes, investigou-se se a idade e o sexo eram preditores do sentimento de comunidade. Como a radicação física pode afectar o sentimento de comunidade (Karaçor & Şenik, 2016; Riger & Lavrakas, 1981), neste estudo também se investigou qual a influência do tempo de residência e de ter vivido sempre ou não no bairro no sentimento de comunidade, e se estes dois factores eram preditores do sentimento de comunidade.

Método

No presente estudo utilizou-se um método de investigação comparativo e correlacional, procurando-se examinar relações entre várias variáveis e comparações entre diferentes grupos num momento de avaliação estático. A investigação comparativa nas ciências sociais tem por objectivo explicar e interpretar variação a nível macrossocial, ou seja, de um modo geral há um interesse em identificar as semelhanças e as diferenças entre unidades macrossociais (Ragin, 2014). Por sua vez, a investigação correlacional procura compreender as relações entre variáveis e prever quando ocorrerão diferentes tipos de comportamento social (Dancey & Reidy, 2007). A escolha da utilização destes métodos prendeu-se com o facto de não ser possível manipular as variáveis independentes devido a se tratar de diferenças já existentes no contexto natural, ou seja, a formação dos grupos foi directa e espontânea, resultando da definição concreta de cada variável estudada (Ragin, 2014). Decidiu-se aplicar métodos quantitativos a fim de se poder estudar uma amostra populacional maior, expandindo assim o volume das análises realizadas, que embora tenham menos complexidade, são mais generalizáveis e comparáveis com outros estudos (Ragin, 2014).

Participantes

Neste estudo houve 144 participantes, todos moradores do bairro de La Verneda i La Pau, especificamente da secção La Verneda. A amostra, que foi recolhida por conveniência, foi constituída por pessoas do sexo feminino ($n = 79$; 54.9%) e masculino ($n = 65$; 45.1%), todas com idades iguais ou superiores a 18 anos. As mulheres tinham idades entre 20 e 90 anos ($M = 56.86$, $SD = 19.02$) e os homens tinham idades entre 18 e 88 anos ($M = 48.95$, $SD = 22.27$). A idade média da amostra total foi 53.29 anos ($SD = 20.85$), variando dos 18 (mínimo) aos 90 anos (máximo). Segundo uma divisão por faixas etárias participaram 22 pessoas (15.3%) com idades compreendidas entre os 18-29 anos, 67 pessoas (46.5%) com idades entre os 30-64 anos e 55 pessoas (38.2%) com idades superiores ou iguais a 65 anos. Quanto a ter vivido sempre no bairro, dos 144 participantes, 57 responderam que viveram sempre no bairro (39.6%) e 87 responderam que não viveram sempre no bairro (60.4%). Em relação ao tempo de residência, o menor tempo foi cerca de 4 meses (i.e., 0.3 anos) e o maior foi 90 anos, ($M = 36.66$, $SD = 24.17$).

Procedimento

A escala foi traduzida de inglês para castelhano por três psicólogos espanhóis com conhecimentos sólidos de língua inglesa e do domínio em questão. A tradução foi revista por outra psicóloga especialista na área da investigação, também de nacionalidade espanhola. Optou-se por adaptar o item 8 da escala original, “Eu tenho amigos neste bairro”, para “Os meus amigos são deste bairro”, sendo os restantes itens uma tradução directa dos originais.

Foi estruturado um inquérito para se recolherem as respostas dos participantes. Este inquérito foi realizado de modo presencial a pessoas que estivessem em espaços públicos de La Verneda. Foi feito presencialmente de forma a poder-se resolver qualquer dúvida que surgisse por parte do participante. Questionaram-se pessoas sobre se eram moradores ou não, para saber se faziam ou não parte da amostra pretendida para o estudo. Se fossem moradores então perguntar-se-ia se pretendiam responder ao inquérito. Para completar a tarefa tinham de responder em formato físico numa folha fornecida pelo investigador. Foi dito aos moradores que o inquérito seria para um projecto de investigação que pretendia conhecer como os moradores de La Verneda se relacionavam e o que pensavam sobre o seu bairro. A participação no estudo foi voluntária e todos os inquéritos foram confidenciais, não se divulgando nenhuma informação pessoal identificativa.

Instrumento

Sentimento de comunidade. O *Psychological Sense of Community Scale* (PSC) tem como objectivo a medição e avaliação do sentimento de comunidade segundo uma perspectiva ecológica, avaliando um indivíduo enquanto parte de um sistema (Jason et al., 2015). É composto por nove itens que têm em conta três domínios: *entidade*, *estatuto de membro* e *self*. O domínio *Entidade* (α de Cronbach = .707) representa a organização, o propósito e a eficácia. Alguns itens incluem “Eu acho que este bairro é um bom bairro” e “Eu não estou a planear deixar este bairro”. O domínio *Estatuto de membro* (α de Cronbach = .901) reflecte as relações sociais e aborda a responsabilidade mútua, o apoio, a cooperação, e a voz dos membros. Alguns itens incluem “Os moradores podem depender uns dos outros neste bairro” e “Os moradores podem receber ajuda de outros moradores se precisarem”. O domínio *Self* (α de Cronbach = .828) envolve a identidade e a importância para o próprio, e aborda conceitos como compromisso, significado e vinculação emocional. Alguns itens incluem “Este bairro é importante para mim” e “Eu sinto-me bem a ajudar o bairro e os moradores”. Cada item foi medido numa escala de tipo Likert de seis pontos, tendo os participantes de responder

Totalmente em Desacordo, Bastante em Desacordo, Algo em Desacordo, Algo de Acordo, Bastante de Acordo, ou Totalmente de Acordo. Os itens e a escala de tipo Likert, aqui descritos em português, foram traduzidos e adaptados para o castelhano (Ver Anexo I).

Análise de Dados

O tratamento estatístico dos dados foi efectuado com recurso ao IBM SPSS *Amos version 24* para realizar os estudos de análise factorial confirmatória, através do método de estimação de máxima verosimilhança (Arbuckle, 2013). Utilizaram-se, como índices de ajustamento do modelo, o *Comparative Fit Index* (CFI), o *Goodness of Fit Index* (GFI), o *Tucker-Lewis Index* (TLI), o *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) e o *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR). Considerou-se como referência para um bom ajustamento do modelo um valor superior a 0.90 para o CFI e GFI, um valor próximo de 0.95 para o TLI, um valor inferior a 0.10 para o RMSEA e um valor inferior a 0.08 para o SRMR (Byrne, 2010; Hu & Bentler, 1999; Marôco, 2010).

Para as outras análises estatísticas utilizou-se o programa IBM SPSS *Statistics v. 24.0* (IBM, SPSS Inc., Armonk, NY). Nomeadamente, avaliou-se a consistência interna da escala PSC e as respectivas subescalas pelo coeficiente alfa de Cronbach e por correlações item-total. Além disso, foi realizada a análise descritiva dos dados (médias e desvios-padrão). Foram utilizados testes de Mann-Whitney e de Kruskal-Wallis para determinar se haviam diferenças estatísticas significativas entre as variáveis independentes, nomeadamente o sexo, ter vivido sempre no bairro e a idade por faixas etárias. Também foram executados testes de Coeficiente de correlação de postos de Spearman para analisar a relação entre sentimento de comunidade e a idade dos moradores e o seu tempo de residência no bairro. A escolha da utilização de testes não paramétricos deveu-se ao facto de os dados não apresentarem uma distribuição normal. Com o objectivo de analisar se o sexo, a idade, o tempo de residência e ter vivido sempre no bairro seriam preditores do sentimento de comunidade, foram realizadas Regressões Estandarizadas e Regressões Múltiplas Estandarizadas.

Resultados

Estrutura Factorial

Aplicou-se uma análise factorial confirmatória nos nove itens de sentimento de comunidade para verificar a estrutura factorial encontrada por Jason et al. (2015). Encontrou-se uma estrutura de três factores (entidade, estatuto de membro, self) para a escala PSC. Esta estrutura (ver Figura 1) é consistente por ter os mesmos itens nos mesmos factores (i.e. invariância configural) que a derivação anterior da escala (Jason et al., 2015), e a amostra presente teve um bom ajustamento do modelo (CFI = .934, GFI = .933, TLI = .901, RMSEA = .082, SRMR = .074). A análise dos índices de modificação indicou a necessidade da integração de uma correlação entre os erros dos itens 5 (S5) e 9 (S9) ($r = .29$), que se traduziu numa melhoria do ajustamento do modelo (CFI = .956, GFI = .945, TLI = .931, RMSEA = .068, SRMR = .063). Jason, Stevens e Light (2016), que usaram o PSC no seu estudo, também realizaram o mesmo procedimento ao correlacionarem os erros dos itens 5 e 9. Todas as cargas factoriais estandardizadas dos nove itens se situaram acima de 0.30, de 0.69 a 0.79 para a subescala de Entidade, de 0.52 a 0.67 para a subescala de Estatuto de membro e de 0.44 a 0.80 para a subescala de Self. Conforme ilustrado na Figura 1, os factores Entidade e Estatuto de membro apresentaram correlação de 0.42 ($p < .001$), os factores Entidade e Self apresentaram correlação de 0.84 ($p < .001$) e os factores Estatuto de membro e Self apresentaram correlação de 0.49 ($p < .001$).

Embora não esteja apresentado, foi testado um modelo alternativo usando a escala PSC como escala única, i.e., com uma única variável latente, sem subescalas. Este modelo não teve um bom ajustamento (CFI = .799, GFI = .85, TLI = .732, RMSEA = .135, SRMR = .108), reforçando assim a escolha do modelo original com as três subescalas (Jason et al., 2015).

De acordo com Jason et al. (2015), a escala PSC tem boa consistência interna, com um coeficiente de alfa de Cronbach de 0.923. No presente estudo o coeficiente de alfa de Cronbach foi 0.787 para a escala total, 0.778 para a subescala Entidade (3 itens), 0.653 para a subescala Estatuto de membro (3 itens) e 0.609 para a subescala Self (3 Itens). Os valores das correlações entre cada item e o total da respectiva subescala foram todos superiores a 0.30 (sendo superiores a 0.40 para 8 dos 9 itens, como apresentado na Tabela 1), e não contribuía retirar nenhum item para aumentar o coeficiente alfa da respectiva subescala.

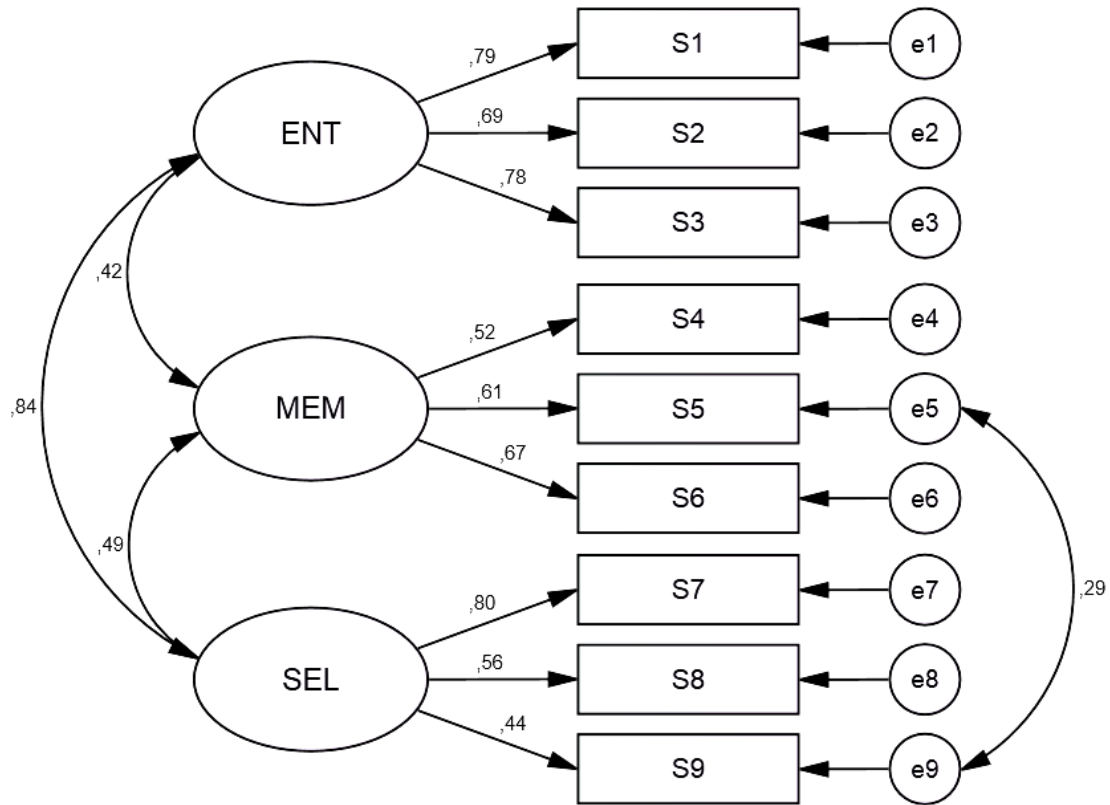


Figura 1. Análise fatorial confirmatória para o *Psychological Sense of Community Scale* (PSC) com três factores. Modelo Final com 9 itens, com a correlação entre erros sugerida pelos índices de modificação. *Nota.* ENT = Entidade; MEM = Estatuto de membro; SEL = Self.

Tabela 1
Estatística Descritiva para os Itens e Correlações Item-Total Corrigidas, por subescala (N = 144)

Subescala	Item	M	SD	Correlação item-total corrigida
Entidade	1	4,99	1,038	0,657
	2	5,22	1,561	0,604
	3	4,96	1,194	0,648
Estatuto de membro	4	3,98	1,282	0,432
	5	4,26	1,223	0,515
	6	3,97	1,298	0,446
Self	7	4,94	1,310	0,498
	8	4,34	1,511	0,435
	9	4,60	1,225	0,335

Nota. M = Média; SD = Desvio-Padrão.

Análises de Comparação de grupos

Utilizaram-se testes de Mann-Whitney quer para analisar se existiam diferenças no sentimento de comunidade consoante o sexo, quer para analisar se existiam diferenças no sentimento de comunidade consoante ter vivido sempre ou não no bairro. Para a variável Sexo, obtiveram-se Postos Médios de 64.38 para os homens ($n = 65$) e 79.18 para as mulheres ($n = 79$), com um valor de $Z = -2.12$ e nível de significância de $p = .034$, logo o resultado foi significativo. Existiram diferenças significativas nos resultados de sentimento de comunidade dos homens e das mulheres, tendo as mulheres obtido maiores níveis de sentimento de comunidade. Para a variável Ter vivido sempre no bairro, obtiveram-se Postos Médios de 83.41 para quem viveu sempre no bairro ($n = 58$) e 65.15 para quem não viveu sempre no bairro ($n = 86$), com um valor de $Z = -2.58$ e nível de significância de $p = .01$, logo o resultado foi significativo. Existiram diferenças significativas nos resultados de sentimento de comunidade das pessoas que viveram sempre no bairro e das pessoas que não viveram sempre no bairro, tendo as pessoas que viveram sempre no bairro obtido maiores níveis de sentimento de comunidade.

Posteriormente, utilizou-se um teste de Kruskal-Wallis para analisar se existiam diferenças no sentimento de comunidade consoante as três faixas etárias. Obtiveram-se Postos Médios de 53.91 para a faixa etária dos 18-29 anos ($n = 22$), 71.07 para a faixa etária dos 30-64 anos ($n = 67$) e 81.68 para a faixa etária dos 65-65+ anos ($n = 55$), com $\chi^2 = 7.136$, $df = 2$, $p = .028$, logo o resultado foi significativo. Estes resultados sugerem que houve uma diferença nos níveis de sentimento de comunidade entre as diferentes faixas etárias. Ao se inspeccionar os valores dos Postos Médios das faixas etárias observou-se que a faixa etária dos 65-65+ anos teve níveis mais altos de sentimento de comunidade que as restantes, e a faixa etária dos 18-29 anos teve os níveis mais baixos.

Análise de Correlações

A relação entre a idade dos moradores e o sentimento de comunidade foi investigada usando o coeficiente de correlação de postos de Spearman. Realizou-se uma análise preliminar que mostrou que os pressupostos de normalidade, linearidade e homoscedasticidade foram violados. Houve uma correlação positiva fraca significativa entre as duas variáveis [$\rho = .291$, $n = 144$, $p < .001$], com uma maior idade associada a níveis mais altos de sentimento de comunidade.

A relação entre o tempo de residência e o sentimento de comunidade também foi investigada usando o coeficiente de correlação de postos de Spearman. Realizou-se uma análise preliminar que mostrou que os pressupostos de normalidade, linearidade e homoscedasticidade foram violados. Houve uma correlação positiva moderada significativa entre as duas variáveis [$\rho = .395$, $n = 144$, $p < .001$], com um maior tempo de residência associado a níveis mais altos de sentimento de comunidade.

Análise de Regressão

Para determinar se o sexo, a idade, o tempo de residência e ter vivido sempre no bairro eram preditores do sentimento de comunidade foram feitas quatro regressões estandardizadas. Quanto à variável dependente, a *Psychological Sense of Community Scale* (PSC), o sexo não predisse significativamente o sentimento de comunidade, $F(1, 142) = 2.794$, $p = .097$, $R^2 = .019$, $R^2 \text{ adj} = .012$. A variável Sexo não foi estatisticamente significativa para a predição ($B = 1.983$, $SE = 1.186$, $\beta = .139$, $p = .097$).

Quanto à variável dependente, a escala PSC, a idade predisse significativamente o sentimento de comunidade, $F(1, 142) = 20.214$, $p < .001$, $R^2 = .125$, $R^2 \text{ adj} = .118$. A variável Idade foi estatisticamente significativa para a predição ($B = .121$, $SE = .027$, $\beta = .353$, $p < .001$). Como $R^2 \text{ adj} = .118$, cerca de 12% da variação do sentimento de comunidade foi explicada pela idade.

Quanto à variável dependente, a escala PSC, o tempo de residência predisse significativamente o sentimento de comunidade, $F(1, 142) = 34.443$, $p < .001$, $R^2 = .195$, $R^2 \text{ adj} = .190$. A variável Tempo de residência foi estatisticamente significativa para a predição ($B = .130$, $SE = .022$, $\beta = .442$, $p < .001$). Como $R^2 \text{ adj} = .190$, cerca de 19% da variação do sentimento de comunidade foi explicada pelo tempo de residência.

Quanto à variável dependente, a escala PSC, o ter vivido sempre no bairro predisse significativamente o sentimento de comunidade, $F(1, 142) = 5.766$, $p = .018$, $R^2 = .039$, $R^2 \text{ adj} = .032$. A variável Ter vivido sempre no bairro foi estatisticamente significativa para a predição ($B = -2.861$, $SE = 1.191$, $\beta = -.198$, $p < .05$). Como $R^2 \text{ adj} = .032$, cerca de 3% da variação do sentimento de comunidade foi explicada por ter vivido sempre no bairro.

Além disso, também se realizou uma regressão múltipla estandardizada para analisar o modelo de regressão conjunto do tempo de residência, do ter vivido sempre no bairro, da idade e do sexo na variável sentimento de comunidade. Quanto à variável dependente, a

escala PSC, apenas o tempo de residência predisse significativamente o sentimento de comunidade, $F(4, 139) = 8.992, p < .001, R^2 = .206, R^2_{adj} = .183$. A variável Tempo de residência foi a única estatisticamente significativa para a predição ($B = .131, SE = .059, \beta = .444, p < .05$). A partir da análise dos coeficientes de determinação (R^2) e coeficientes de determinação ajustados (R^2_{adj}) de todas as regressões feitas e do facto de o modelo de regressão múltipla apresentar três variáveis estatisticamente não significativas, sexo, ter vivido sempre no bairro e idade, levou a que se abandonasse este modelo.

Discussão

O presente estudo teve como objectivo investigar o sentimento de comunidade numa comunidade geográfica, nomeadamente num bairro urbano, segundo uma perspectiva ecológica, ou seja, examinando a experiência de cada morador enquanto parte de um sistema. Para tal, utilizou-se o *Psychological Sense of Community Scale* (PSC) (Jason et al., 2015) e, tendo-se escolhido como amostra os moradores de um bairro em Barcelona, a escala original foi traduzida e adaptada ao castelhano. Também se investigou a relação entre o sentimento de comunidade e algumas variáveis sociodemográficas.

O sentimento de comunidade investigou-se dentro de três níveis ecológicos: o individual, um microssistema, i.e., estatuto de membro, e um macrossistema, i.e., o bairro. Estes três domínios, ecológica e teoricamente relevantes, já tinham surgido previamente em estudos com amostras de estudantes universitários (Jason et al., 2015), e de pessoas que viviam ou já tinham vivido num centro de recuperação comunitário (Jason, Stevens, & Light, 2016). O presente estudo procurou replicar os resultados dos estudos anteriores, por sua vez analisando o sentimento de comunidade dos moradores de um bairro. Encontrou-se um bom ajustamento do modelo, com os factores a apresentarem entre boas a aceitáveis consistências internas. Embora a consistência interna da subescala Self tenha sido um pouco mais baixa (α de Cronbach = .609), isto pode dever-se a várias razões. O facto de o tamanho da amostra ser pequeno, 144 participantes, faz com que os alfas de Cronbach sejam instáveis, ou seja, alfas de Cronbach obtidos a partir de maiores amostras produzem uma estimativa mais acertada do coeficiente alfa da população (Charter, 2003; Yurdugül, 2008). Além disso, o uso de um modelo de equação estrutural (Structural equation modeling, SEM) normalmente requer um

tamanho de amostra grande (Graham, 2006), o que não foi o caso. Outra razão é que o alfa é bastante afectado pelo número de itens da subescala e o facto de esta ter apenas três itens pode contribuir para a sua subestimação (Graham, 2006; Raykov, 1997; Tavakol & Dennick, 2011). Ao se analisar os valores das correlações entre cada item e o total da subescala Self, encontrou-se um item (S9) com uma correlação moderada fraca (abaixo de 0.4), o que também contribui para um alfa de Cronbach mais baixo (Tavakol & Dennick, 2011).

Esta investigação mostrou que o sentimento de comunidade foi mais forte nas mulheres do que nos homens, como previamente encontrado na literatura (Karaçor & Şenik, 2016; Long & Perkins, 2003). Contrariamente a este estudo Francis, Giles-Corti, Wood e Knuiman (2012), Peterson et al. (2008) e Wighting, Nisbet e Spaulding (2009) não encontraram diferenças significativas entre sexos no sentimento de comunidade. Uma possível explicação para o resultado do presente estudo, referida por Karaçor e Şenik (2016) que obtiveram resultados semelhantes, pode ser o facto de as mulheres terem experiências mais frequentes dos espaços públicos do bairro, quer em ruas, espaços abertos ou comércio locais, devidas, por exemplo, a terem filhos ou a estarem desempregadas. Segundo Wood, Giles-Corti, Zubrick e Bulsara (2013), quando as mulheres têm mais oportunidades para experienciar o ambiente local, por exemplo quando têm filhos, interagem mais frequentemente com os serviços locais e passam mais tempo no seu ambiente residencial, o que contribui para um aumento do seu sentimento de comunidade. De facto, no bairro de La Verneda a taxa de desemprego das mulheres é superior à dos homens (Câmara Municipal de Barcelona, 2016a), o que mostra que neste bairro as mulheres não estão tão envolvidas no sistema laboral como os homens. Estes factores podem explicar esta diferença significativa entre os sexos em termos de participar na vida social do bairro e de desenvolver um sentimento de comunidade (Karaçor & Şenik, 2016).

A idade revelou-se um preditor do sentimento de comunidade, como também foi reportado por alguns autores (Buckner, 1988; Hou & Sung, 1998; Karaçor & Şenik, 2016; Obst, Smith, & Zinkiewicz, 2002; Zhang & Lin, 2012) e rejeitado por outros (Nasar & Julian, 1995; Wood, Frank, & Giles-Corti, 2010). Verificou-se que a faixa etária com níveis mais altos de sentimento de comunidade foi a com 65 e mais anos e, por sua vez, a faixa etária que obteve níveis mais baixos de sentimento de comunidade foi a mais jovem, dos 18 aos 29 anos. Ainda que no presente estudo e em estudos anteriores (Brodsky, O'Campo, & Aronson, 1999; Perkins & Long, 2002; Prezza et al., 2001; Prezza & Costantini, 1998) se tenha obtido uma correlação positiva que mostra que o sentimento de comunidade tenda a aumentar com a

idade, esta correlação foi fraca, o que demonstra que a idade poderá não ser dos factores com mais impacto na explicação da variância do sentimento de comunidade. Segundo um estudo de saúde pública realizado no bairro de La Verneda (Agència de Salut Pública de Barcelona [ASPB], 2014), existem poucos espaços públicos no bairro dedicados aos jovens pelo que é reportado por estes que muitas vezes preferem ir a outros bairros por terem mais oferta de espaços e serviços. Por sua vez, a faixa etária das pessoas mais idosas dispõe de mais serviços dedicados às suas necessidades e relatou uma apreciação pelos espaços públicos do bairro (ASPB, 2014). Estes factos podem ajudar a compreender os resultados obtidos no presente estudo, nomeadamente as diferenças nos níveis de sentimento de comunidade entre a faixa etária mais jovem e a faixa etária mais idosa. No entanto, a idade pode ser considerada um factor relevante para explicar o impacto do tempo de residência no sentimento de comunidade (Long & Perkins, 2007; Prezza et al., 2001), pois logicamente à medida que o tempo de residência de um indivíduo num local aumenta também aumenta a sua idade.

De todas as variáveis demográficas analisadas, o tempo de residência mostrou-se ser a mais relevante para explicar o sentimento de comunidade. No presente estudo o tempo de residência foi um preditor do sentimento de comunidade, um resultado que tem sido recorrente ao longo da literatura nos mais diversos contextos socioculturais (Buckner, 1988; Chavis et al., 1986; Chipuer & Pretty, 1999; Hou & Sung, 1998; Karaçor & Şenik, 2016; Kasarda & Janowitz, 1974; Obst et al., 2002; Robinson & Wilkinson, 1995; Rogers & Sukolratanamettee, 2009; Zhang & Lin, 2012). À medida que aumenta o tempo de residência de um indivíduo num bairro, os seus níveis de sentimento de comunidade tendem a aumentar devido às interacções sociais e aos encontros diários com outros moradores em espaços públicos do bairro, como ruas, parques e praças (Karaçor & Şenik, 2016). Por sua vez, ao contribuir para níveis de sentimento de comunidade mais altos, o tempo de residência pode encorajar a participação no bairro ao afectar a percepção dos indivíduos acerca da qualidade do ambiente da comunidade, melhorar as interacções sociais entre os moradores e aumentar a percepção de controlo e de empowerment dentro da comunidade (Chavis & Wandersman, 1990). Além disso, a mobilidade residencial pode ser destrutiva para as comunidades geográficas, nomeadamente os bairros, pois impede o desenvolvimento de laços de amizade duradouros entre os moradores e a criação de ligações com as associações e estabelecimentos locais (Kasarda & Janowitz, 1974). Factores como a baixa densidade populacional e o pequeno tamanho de uma comunidade, que tendem a ter uma influência positiva no

sentimento de comunidade, têm um impacto relativamente pequeno quando comparado com o do tempo de residência num bairro (Kasarda & Janowitz, 1974).

Na presente investigação também se verificou que pessoas que viveram sempre no bairro tiveram níveis de sentimento de comunidade mais altos do que pessoas que não viveram sempre. Embora esteja relacionado com o tempo de residência, o valor preditivo de ter vivido sempre no bairro foi muito menor que o valor preditivo do tempo de residência. Isto é compreensível, pois se uma pessoa não viveu sempre no mesmo bairro, mas já vive há muitos anos nele, a probabilidade do seu sentimento de comunidade ser forte é maior. Por outras palavras, e como confirmado nesta investigação, mais importante que ter vivido sempre num bairro é o tempo de residência neste, porque, por exemplo, um jovem de 18 anos que sempre viveu no mesmo bairro pode ter níveis de sentimento de comunidade mais baixos que uma pessoa que já vive há 30 anos nesse bairro embora não viva lá desde sempre.

No que diz respeito às variáveis sociodemográficas, uma das razões responsável pela falta de resultados consistentes ao longo da literatura é que uma percentagem significativa dos aspectos do sentimento de comunidade varia de contexto para contexto (Hill, 1996). De facto, as variáveis que se correlacionam com o sentimento de comunidade mudam, por vezes de forma radical, consoante o contexto estudado, mas apesar disso também existem elementos comuns do sentimento de comunidade entre os diversos contextos. Ou seja, para além de existirem elementos em comum, também existem outros elementos do sentimento de comunidade que são únicos de contextos específicos. A partir deste pressuposto compreende-se que a investigação sobre o sentimento de comunidade num contexto pode dar pouca informação sobre o sentimento de comunidade noutro contexto (Hill, 1996).

Limitações

Uma limitação que é recorrente nas investigações sobre o sentimento de comunidade em bairros, é que o bairro escolhido para recolher os dados não reflecte toda a gama de bairros existente. Deste modo, não é certo o modo como funcionaria o PSC, por exemplo, se se recolhesse a amostra numa comunidade rural. É possível que o factor mais influenciado pela recolha de dados num bairro diverso fosse a variância nas respostas dos moradores. O presente estudo focou-se na análise de um bairro urbano e apesar de existirem factores únicos

de cada contexto que possam influenciar os dados obtidos através do PSC, também há factores comuns entre os diversos contextos, o que permite retirar conclusões transversais a outros estudos. Uma sugestão para futuros estudos evidenciada por Prezza et al. (2001) e aplicada no presente estudo, é providenciar mais informação sobre a área em que os sujeitos vivem, a que área se referiu o sentimento de comunidade e sobre o contexto mais geral ao qual pertence essa área. Isto pode levar a uma melhor compreensão dos mecanismos subjacentes ao sentimento de comunidade e pode ajudar na comparação de diferentes estudos.

Outro problema, levantado por Puddifoot (1995), é que independentemente de se pedir aos participantes para se referirem a uma determinada zona quando estão a completar a escala de sentimento de comunidade, eles respondem não tanto em referência a uma zona geográfica estabelecida, mas sim ao seu território mental, subjectivo de cada um. Este território mental não tem limites bem definidos e os conceitos de casa, área, bairro e cidade sobrepõem-se e por vezes ficam confusos. De facto, no processo de recolha de dados deste estudo, no momento em que se entregavam os questionários muitas pessoas perguntavam qual era a zona em concreto à qual se deveriam referir. Este é um assunto bastante relevante que pode muitas vezes ser negligenciado e levar a enviesamentos nos resultados. Devido a esta situação, uma das razões para a decisão de se aplicarem os questionários de forma presencial foi com o intuito de resolver alguma dúvida por parte dos participantes, que neste caso, quando se questionavam sobre qual área em concreto deveriam responder, era-lhes explicada detalhadamente.

A recolha da amostra, que se realizou de forma presencial, revelou-se um processo moroso, pois embora a escala PSC seja de rápida administração, por vezes foi difícil encontrar pessoas que se dispusessem a participar na investigação que de facto fossem residentes do bairro analisado. Além disso, houve dificuldade em encontrar jovens nos espaços públicos do bairro o que se revelou numa baixa amostra de jovens. A dificuldade em encontrar jovens pode ter-se devido ao facto de grande parte deles se deslocarem a outros bairros que lhes oferecem mais espaços públicos e oportunidades (ASPB, 2014). Ainda assim, perante o tamanho da amostra recolhida, é importante ressaltar que o facto de esta se ter obtido de forma presencial remete para a qualidade das respostas obtidas com possivelmente um menor número de enviesamentos, do que, por exemplo, se fosse recolhida em maior número, mas através de questionários online.

O facto de Jason et al. (2015) terem descoberto que havia um efeito multiplicativo que mostrava que os três domínios, Entidade, Estatuto de membro e Self, eram necessários em conjunto para compreender a experiência de sentimento de comunidade, levou a que os resultados deste estudo tivessem sido analisados tendo em conta a escala total, ao invés de se dividirem os resultados por subescalas. Apesar disto, o PSC possibilita a realização de uma análise mais profunda dos resultados a partir de cada nível ecológico avaliado, permitindo assim compreender detalhadamente as razões que definiram o sentimento de comunidade da amostra recolhida. Isto pode ajudar a compreender, por exemplo, se níveis de sentimento de comunidade mais baixos numa população podem estar mais relacionados com características da própria entidade ou com características dos seus membros.

Conclusões e considerações para o futuro

O sentimento de comunidade é um conceito que procura captar as interacções entre diferentes níveis de influência, tais como os sentimentos individuais, os comportamentos relacionais, e as características do contexto. Recentemente, Jason et al. (2015) criaram o *Psychological Sense of Community Scale* (PSC), um instrumento que permite captar esta multidimensionalidade e investigar o sentimento de comunidade segundo um ponto de vista ecológico em que o indivíduo é visto como sendo parte integrante de um sistema. Devido ao facto de ter havido uma redução da investigação dedicada às comunidades territoriais nos últimos anos e ao potencial deste instrumento, é pertinente que este fosse aplicado nesse contexto.

Neste sentido, o presente estudo pretendeu medir e reflexionar sobre o sentimento de comunidade segundo uma perspectiva ecológica numa comunidade territorial, nomeadamente, num bairro urbano. O propósito do estudo prendeu-se com o facto de o sentimento de comunidade nunca ter sido medido segundo uma perspectiva ecológica numa comunidade territorial. Como não existia até à data nenhuma versão do PSC traduzida para o castelhano, adaptaram-se e analisaram-se os itens e as características psicométricas do PSC para esta língua, assim como se analisou o modo como os resultados da escala variavam em função de algumas variáveis sociodemográficas.

O principal contributo do estudo foi colocar em destaque as características psicométricas do PSC, na medida em que se encontrou um bom ajustamento do modelo, com os factores a apresentarem entre boas a aceitáveis consistências internas, apoiando assim este novo modo de medir e conceptualizar o sentimento de comunidade. Apesar disso, propõem-se futuras replicações dos resultados com outras comunidades geográficas a fim de se reforçarem as propriedades psicométricas da escala. O sentimento de comunidade foi mais forte nas mulheres do que nos homens, o que pode ser explicado por no contexto presente as mulheres participarem mais na vida social do bairro e frequentarem mais os seus espaços públicos que os homens. A faixa etária mais idosa teve os níveis de sentimento de comunidade mais altos, e a mais jovem os mais baixos, tendo-se a idade revelado um preditor do sentimento de comunidade. Apesar destes resultados, outros factores podem ser mais relevantes para explicar a variância no sentimento de comunidade, podendo a idade ser mais importante para explicar o impacto do tempo de residência. O tempo de residência foi igualmente preditor do sentimento de comunidade, como se tem verificado na literatura ao longo dos anos. Com o aumento do número de anos vividos num bairro também tendem a aumentar as vivências com os outros moradores e o tempo passado nos espaços do bairro, contribuindo assim para níveis de sentimento de comunidade mais altos. As pessoas que viveram sempre no bairro tiveram níveis de sentimento de comunidade mais altos do que as pessoas que não viveram sempre, mas o valor preditivo da variável *Ter vivido sempre no bairro* foi muito baixo. Este facto é compreensível, pois o número de anos vividos no bairro, i.e., o tempo de residência, é um preditor do sentimento de comunidade mais forte e importante do que ter vivido sempre ou não no bairro.

Investigar o sentimento de comunidade segundo uma perspectiva ecológica tem o benefício de permitir examinar a experiência de um indivíduo de uma forma única ao integrar a parte pessoal com a relacional e a contextual. No entanto, a investigação do sentimento de comunidade somente focalizada no uso de questionários e de outras metodologias quantitativas pode não ser suficiente para relatar toda a diversidade em torno do conceito. Tendo em conta que diferentes contextos e perguntas de investigação requerem diferentes métodos de investigação, e sendo o sentimento de comunidade um conceito dependente do contexto, a aplicação de uma investigação multidisciplinar e multimetodológica seria fundamental para se conseguirem obter resultados mais detalhados e diversificados. Uma medida efectiva seria incluir no mesmo estudo abordagens qualitativas e quantitativas e, se possível, realizar uma investigação longitudinal e combinar a experiência e perícia de

investigadores familiares com o constructo com a experiência e perícia de investigadores familiares com o contexto.

Embora a noção de lugar já se possa separar da definição de comunidade e que com o surgimento de comunidades de interesses e de comunidades virtuais tenha havido uma redução da importância dada às comunidades territoriais (Farahani, 2016), a verdade é que todos os seres humanos pertencem a uma comunidade territorial e cada um é parte integrante desses sistemas. Como tal, é pertinente que se continue a investigar o sentimento de comunidade em diferentes comunidades territoriais, quer urbanas quer rurais, no sentido de nos concentrarmos em formar comunidades mais saudáveis.

Referências

- Agència de Salut Pública de Barcelona (ASPB) (2014). *Salut als Barris Diagnòstic: La Verneda i la Pau*. Barcelona: Ajuntament de Barcelona.
- Aitken, S., Stultz, F., Prosser, R., & Chandler, R. (1993). Neighborhood integrity and residents' familiarity: Using a geographic information system to investigate place identity. *Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie*, 84, 2-12.
- Appleyard, D. (1981). *Livable Streets*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Arbuckle, J. L. (2013). *IBM SPSS AMOS 22 User's Guide*. Springhouse, PA: Amos Development Corporation.
- Brodsky, A., O'Campo, P., Aronson, R. (1999). PSOC in community context: multi-level correlates of a measure of psychological sense of community in low-income, urban neighborhoods. *Journal of Community Psychology*, 27(6), 659-679.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U., & Ceci, S. J. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological review*, 101(4), 568-586.

- Buckner, J. (1988). The development of an instrument to measure neighborhood cohesion. *American Journal of Community Psychology, 16*, 771-791.
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modelling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming* (2nd. Ed.). New York: Routledge.
- Câmara Municipal de Barcelona (2012). *La Verneda i la Pau*. Extraído de <http://ajuntament.barcelona.cat/santmarti/ca/la-verneda-i-la-pau>
- Câmara Municipal de Barcelona (2016a). *Desemprego registado por sexo*. Extraído de <http://opendata-ajuntament.barcelona.cat/data/es/dataset/atur-sexo>
- Câmara Municipal de Barcelona (2016b). *Nacionalidade da população por bairros*. Extraído de <http://www.bcn.cat/estadistica/castella/dades/tpob/pad/ine/a2016/nacio/t0105.htm>
- Charter, R. A. (2003). Study Samples Are Too Small to Produce Sufficiently Precise Reliability Coefficients. *The Journal of General Psychology, 130*, 117-129.
- Chaskin, R. J. (1997). Perspectives on neighborhood and community: A review of the literature. *Social Service Review, December*, 521-547.
- Chavis, D. M., Hogge, J. H., McMillan, D. W., & Wandersman, A. (1986). Sense of community through Brunswik's lens: A first look. *Journal of Community Psychology, 14*, 24-40.
- Chavis, D., & Wandersman, A. (1990). Sense of Community in the Urban Environment: A Catalyst for Participation and Community Development. *American Journal of Community Psychology, 18*(1), 55-81.
- Chipuer, H. M., & Pretty, G. M. (1999). A review of the sense of community index: Current uses, factor structure, reliability, and further development. *Journal of Community Psychology, 27*(6), 643-658.
- Cohrun, S. (1994). Defining, Understanding, and Enhancing Sense of Community in Neighborhoods. *Journal of Planning Literature, 9*, 92-99.
- Coulton, C., Korbin, J., Chan, T., & Su, M. (2001). Mapping Residents' Perceptions of Neighborhood Boundaries: A Methodological Note. *American Journal of Community Psychology, 29*(2), 371-383.

- Cummins, S., Macintyre, S., Davidson, S., & Ellaway, A. (2005). Measuring neighbourhood social and material context: Generation and interpretation of ecological data from routine and non-routine sources. *Health and Place, 11*, 249-260.
- Cutchin, M. P., Eschbach, K., Mair, C. A., Ju, H., & Goodwin, J. S. (2011). The socio-spatial neighborhood estimation method: An approach to operationalizing the neighborhood concept. *Health & Place, 17*, 1113-1121.
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2007). Variables and research design. In C. P. Dancey & J. Reidy (Eds.), *Statistics Without Maths for Psychology* (4th ed., pp. 1-22). Harlow: Pearson Education.
- Entwisle, B. (2007). Putting people into place. *Demography, 44*, 687-703.
- Farahani, L. (2016). The Value of the Sense of Community and Neighbouring. *Housing, Theory and Society, 33*(3), 357-376.
- Francis, J., Giles-Corti, B., Wood, L., & Knuiaman, M. (2012). Creating Sense of Community: The Role of Public Space. *Journal of Environmental Psychology, 32*(4), 401-409.
- Galster, G. (2001). On the nature of neighbourhood. *Urban Studies, 38*, 2111-2124.
- Graham, J. M. (2006). Congeneric and (essentially) tau-equivalent estimates of score reliability: What they are and how to use them. *Educational and psychological measurement, 66*(6), 930-944.
- Haerberle, S. H. (1988). People or place variations in community leaders' subjective definitions of neighborhood. *Urban Affairs Quarterly, 23*, 616-634.
- Halamová, J. (2016). Paradoxes of psychological sense of community. *Ceskoslovenska Psychologie, 60*(1), 51-60.
- Hou, J., & Sung, N. (1998). Urban residents' sense of community in Taichung Li-Ming community. *Journal of Architecture (Taiwan), 24*, 51-65.
- Hu, L. T., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural equation modeling: a multidisciplinary journal, 6*(1), 1-55.
- Hummon, D. (1992). *Community Attachment*. New York: Springer.

- Hunter, A. (1974). *Symbolic communities: The persistence and changes of Chicago's local communities*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Hunter, A. (1975). The loss of community: an empirical test through replication. *American Sociological Review*, 40, 537-552.
- Hunter, A., & Suttles, G. (1972). The Expanding Community of Limited Liability. In G. Suttles (Ed.), *The Social Construction of Communities* (pp. 44-80). Chicago: University of Chicago Press.
- IBM Corp. Released 2016. IBM SPSS Statistics for Windows, Version 24.0. Armonk, NY: IBM Corp.
- Jason, L.A., Stevens, E., & Ram, D. (2015). Development of a three-factor psychological sense of community scale. *Journal of Community Psychology*, 43, 973-985.
- Jason, L. A., Stevens, E., & Light, J. M. (2016). The relationship of sense of community and trust to hope. *Journal of community psychology*, 44(3), 334-341.
- Jason, L., Stevens, E., Ram, D. Miller, S., Beasley, C., & Gleason, K. (2016). Theories in the field of community psychology. *Global Journal of Community Psychology Practice*, 7(2), 1-27.
- Karaçor, E. K., & Şenik, B. (2016). Understanding Sense of Community through Neighborhood Satisfaction and Socio-Demographic Variables. *International Journal of Humanities and Cultural Studies (IJHCS)*, 3(2), 1022-1035.
- Kasarda, J. D., & Janowitz, M. (1974). Community attachment and mass society. *American Sociological Review*, 39, 328-339.
- Kelly, J. G. (1986). An ecological paradigm: Defining mental health consultation as a preventive service. In J. G. Kelly & R. E. Hess (Eds.), *The ecology of prevention: illustrating mental health consultation* (pp. 1-36). New York: Haworth Press.
- Kelly, J. G. (2006). *Becoming ecological: An expedition into community psychology*. New York: Oxford University Press.

- Kingston, S., Mitchell, R., Florin, P., & Stevenson, J. (1999). Sense of community in neighborhoods as a multi-level construct. *Journal of Community Psychology*, 27(6), 681-694.
- Kusenbach, M. (2008). A Hierarchy of Urban Communities: Observations on the Nested Character of Place. *City & Community*, 7(3), 225-249.
- Lohmann, A., & McMurrin, G. (2009). Resident-defined neighborhood mapping: Using GIS to analyze phenomenological neighborhoods. *Journal of Prevention and Intervention in the Community*, 37, 66-81.
- Long, D. A., & Perkins, D. D. (2003). Confirmatory factor analysis of the sense of community index and development of a brief SCI. *Journal of Community Psychology*, 31(3), 279-296.
- Long, D. A., & Perkins, D. D. (2007). Community social and place predictors of sense of community: A multilevel and longitudinal analysis. *Journal of Community Psychology*, 35(5), 563-581.
- Low, S., & Altman, I. (1992). *Place Attachment*. New York: Springer.
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software & aplicações*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- McMillan, D. W., & Chavis, D. M. (1986). Sense of community: A definition and theory. *Journal of community psychology*, 14(1), 6-23.
- Nasar, J. L., & Julian, D. A. (1995). The Psychological Sense of Community in the Neighborhood. *Journal of The American Planning Association*, 61(2), 178-184.
- Obst, P., Smith, S. G., & Zinkiewicz, L. (2002). An exploration of sense of community, Part 3: Dimensions and predictors of psychological sense of community in geographical communities. *Journal of community psychology*, 30(1), 119-133.
- Ornelas, J. (2008). *Psicologia comunitária*. Lisboa: Fim de Século.
- Perkins, D. D., & Long, D. A. (2002). Neighborhood sense of community and social capital: A multi-level analysis. In A. T. Fisher & C. C. Sonn (Eds.), *Psychological sense of*

community: Research, applications, and implications (pp. 291-318). New York: Kluwer Academic/ Plenum Publishers.

Peterson, N. A., Speer, P. W., & McMillan, D. W. (2008). Validation of a Brief Sense of Community Scale: Confirmation of the principal theory of sense of community. *Journal of Community Psychology*, 36(1), 61-73.

Prezza, M., Amici, M., Roberti, T., & Tedeschi, G. (2001). Sense of community referred to the whole town: Its relations with neighboring, loneliness, life satisfaction, and area of residence. *Journal of Community Psychology*, 29, 29-52.

Prezza, M., & Costantini, S. (1998). Sense of community and life satisfaction: Investigation in three different territorial contexts. *Journal of community & applied social psychology*, 8(3), 181-194.

Puddifoot, J. E. (1995). Dimensions of community identity. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 5, 337-370.

Ragin, C. (2014). The Variable-Oriented Approach. In C. Ragin (Ed.), *The Comparative Method: Moving Beyond Qualitative and Quantitative Strategies* (pp. 53-68). Oakland, CA: University of California Press.

Raykov, T. (1997). Scale Reliability, Cronbach's Coefficient Alpha, and Violations of Essential Tau-Equivalence with Fixed Congeneric Components. *Multivariate Behavioral Research*, 32, 329-353.

Riger, S., & Lavrakas, P. (1981). Community ties: patterns of attachment and social interaction in urban neighborhoods. *American Journal of Community Psychology*, 9(1), 55-66.

Robinson, D., & Wilkinson, D. (1995). Sense of Community in a Remote Mining Town: Validating a Neighborhood Cohesion Scale. *American Journal of Psychology*, 23, 137-148.

Rogers, G., & Sukolratanamete, S. (2009). Neighborhood design and sense of community: Comparing suburban neighborhoods in Houston Texas. *Landscape and Urban Planning*, 92(3), 325-334.

- Sarason, S. B. (1974). *The psychological sense of community: Prospects for a community psychology*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Stevens, E. B., Jason, L. A., & Ferrari, J. R. (2011). Measurement performance of the Sense of Community Index in substance abuse recovery communal housing. *Australian Community Psychologist, 23*, 135-147.
- Tavakol, M., & Dennick, R. (2011). Making sense of Cronbach's alpha. *International Journal of Medical Education, 2*, 53-55.
- Webber, M. (1963). Order in Diversity: Community without Propinquity. In L. Wingo (Ed.), *Cities and Space: The Future Use of Urban Land* (pp. 23-54). Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Weisenfeld, E. (1996). Individual-level correlates of sense of community: Findings from workplace and school. *Journal of Community Psychology, 24*, 337-346.
- Wighting, M., Nisbet, D., & Spaulding, L. S. (2009). Relationships between sense of community and academic achievement: A comparison among high school students. *The International Journal of the Humanities, 7*, 63-72.
- Wood, L., Frank, L. D., & Giles-Corti, B. (2010). Sense of Community and Its Relationship with Walking and Neighborhood Design. *Social Science & Medicine, 70*(9), 1381-1390.
- Wood, L., Giles-Corti, B., Zubrick, S. R., & Bulsara, M. K. (2013). "Through the kids...we connected with our community": Children as catalysts of social capital. *Environment and Behavior, 45*, 344-368.
- Whyte, W. (1956). *The Organization Man*. Garden City, NY: Anchor Books, Doubleday.
- Yurdugül, H. (2008). Minimum sample size for Cronbach's coefficient alpha: a Monte-Carlo study. *Hacettepe Üniversitesi Eğitim Fakültesi Dergisi, 35*(35), 397-405.
- Zhang, H., & Lin, S. H. (2012). Sense of Community in Taiwan and its Relationships with the Residential Environment. *Procedia-Social and Behavioral Sciences, 35*, 335-343.

Anexos

Anexo I - Exemplar do instrumento adaptado ao castelhanao

Cuestionario

Lea cada frase con atención y, según su experiencia evalúe, de acuerdo con la escala de abajo, el barrio de **La Verneda** en cada uno de los parámetros presentados en seguida:

-
1. Totalmente en desacuerdo 2. Bastante en desacuerdo 3. Algo en desacuerdo
4. Algo de acuerdo 5. Bastante de acuerdo 6. Totalmente de acuerdo
-

1) Creo que La Verneda es un buen barrio.	1	2	3	4	5	6
2) Estoy planteándome mudarme de este barrio.	1	2	3	4	5	6
3) Considero que La Verneda es un barrio apropiado para mí.	1	2	3	4	5	6
4) Los vecinos de La Verneda pueden confiar los unos en los otros.	1	2	3	4	5	6
5) Los vecinos de La Verneda pueden obtener ayuda de otros vecinos si la necesitan.	1	2	3	4	5	6
6) Los vecinos de La Verneda se sienten seguros compartiendo opiniones o pidiendo consejos a sus vecinos.	1	2	3	4	5	6
7) La Verneda es importante para mí.	1	2	3	4	5	6
8) Mis amigos son de La Verneda.	1	2	3	4	5	6
9) Me siento bien implicándome en el barrio y ayudando a los vecinos.	1	2	3	4	5	6

Responda ahora, por favor, a las siguientes preguntas:

a) ¿Siempre ha vivido en La Verneda? Sí No

b) ¿Si contestó “No”, ¿cuándo ha llegado a La Verneda?

Hace _____ meses o Hace _____ años

c) **Sexo:** Hombre Mujer

d) **Edad:** _____ años

¡Gracias por su valiosa colaboración!

Anexo II - Exemplar do consentimiento informado

Consentimiento Informado

Somos un equipo de investigación de la Universidad de Barcelona y estamos llevando a cabo una investigación para comprender como se sienten los vecinos de La Verneda en relación a su barrio.

La participación es voluntaria, el participante tiene la posibilidad de negarse a participar o retirarse del estudio en cualquier momento, si lo desea.

Os recordamos que sus datos serán tratados de forma totalmente anónima y confidencial (según la Ley Orgánica 15/1999 de 13 de Diciembre de Protección de Datos de carácter personal [LOPD]), es decir, la información que nos facilite será conocida SOLAMENTE por los profesionales de este equipo de investigación de la Universidad de Barcelona y sólo se utilizarán en el marco de este proceso.

El participante tiene que tener por lo menos **18 años** y **residir en el barrio de La Verneda**. El tiempo previsto para hacer el cuestionario es de 2 minutos.

Si desea recibir más información sobre los resultados de la investigación por favor escriba su contacto.

Nombre:

Mail:

Teléfono de contacto:

Anexo III - Exemplar do instrumento original

Psychological Sense of Community Scale

Jason, L. A., Stevens, E., & Ram, D. (2015). Development of a three-factor psychological sense of community scale. *Journal of Community Psychology, 43*, 973-985.

Using this measure, first replace the letter “E” with the *Entity* and the letter “M” with the *Membership* that the sample will refer to. Respondents answer whether they Strongly Disagree, Disagree, Slightly Disagree, Slightly Agree, Agree, or Strongly Agree with the questions below.

- 1 - I think this E was a good E
- 2 - I did not leave this E because I wanted to
- 3 - For me, this E was a good fit

- 4 - M could depend on each other in this E
- 5 - M could get help from other M if they needed it
- 6 - M were secure in sharing opinions or asking for advice

- 7 - This E was important to me
- 8 - I made friends in this E
- 9 - I felt good helping the E and the M

The questions above are in the past tense, so if an investigator decides to use this scale for a person’s current sense of community, we suggest using the slight variation of wording below that puts things in the present tense.

- 1 - I think this E is a good E
- 2 - I am not planning on leaving this E
- 3 - For me, this E is a good fit

- 4 - M can depend on each other in this E
- 5 - M can get help from other M if they need it
- 6 - M are secure in sharing opinions or asking for advice

- 7 - This E is important to me
- 8 - I have friends in this E
- 9 - I feel good helping the E and the M

Anexo IV - Revisão de literatura

As pessoas podem ter um sentimento de comunidade para uma grande variedade de contextos. Podem ter esse sentimento em relação a um território geograficamente definido, como o seu bairro, a sua cidade, ou em relação a uma comunidade não espacial ou relacional, por exemplo, o grupo profissional, os adeptos de um clube, ou aqueles comprometidos com um determinado estilo de vida (Lyon, 1987). O primeiro tipo é conhecido como comunidade de lugar ou territorial e a investigação neste tipo de comunidade costuma focar-se ou em comunidades rurais ou em comunidades urbanas (Cochrun, 1994; Glynn, 1981; McMillan & Chavis, 1986). Numa série de estudos levados a cabo no Canadá, Kitchen, Williams e Chowhanet (2012a, 2012b) examinaram o sentimento de comunidade ao nível regional e ao nível metropolitano. Os investigadores descobriram que o sentimento de comunidade tende a ser mais forte em áreas rurais do que em áreas urbanas e que também podem ser encontradas variações significativas no sentimento de comunidade dentro de diferentes áreas da mesma cidade. Os resultados de Kitchen et al. (2010a) mostraram que, até certo ponto, as áreas rurais e as pequenas cidades beneficiam de níveis mais altos de participação cívica, de participação em actividades comunitárias e voluntarismo, bem como uma maior disposição para ajudar os outros moradores.

Nas comunidades territoriais, como os bairros, a coesão comunitária, i.e., o estabelecimento de valores partilhados a partir da construção de boas relações entre diferentes culturas, etnias, e outras divisões, reflecte-se frequentemente na quantidade de actividade dos moradores que ocorre dentro do bairro (Rogers & Sukolratanamettee, 2009). Pode haver actos de apoio entre os moradores, que inclui interacções sociais observáveis tais como as trocas de bens ou de assistência, que se reflectem no sentimento de comunidade (Skjaeveland, Gärling, & Maeland, 1996). No entanto, também existem interacções negativas nos bairros que podem afectar negativamente o sentimento de comunidade, como o incómodo causado pelos vizinhos, na medida em que cria relações desagradáveis que podem causar *stress* por longos períodos de tempo (Skjaeveland et al., 1996).

Enquanto um sentimento de comunidade num bairro é um sentimento de sentir-se membro da comunidade local, a vinculação a uma comunidade é o vínculo entre os moradores e a comunidade local (Farahani, 2016). Deste modo, se não existe sentimento de comunidade num bairro, i.e. sentir-se parte da comunidade, a vinculação à comunidade não vai ocorrer. Sentir um sentimento de comunidade é, portanto, um pré-requisito para um sentimento de

vinculação ao bairro (Farahani, 2016). O sentimento de comunidade também se reflecte na vinculação ao bairro, em termos dos vínculos sociais que unem as pessoas dentro de um bairro. De acordo com Granovetter (1973) num bairro não são apenas os vínculos sociais fortes que unem as pessoas, pois mesmo os vínculos sociais relativamente fracos, tais como os vínculos entre conhecidos, podem dar acesso a outras redes sociais que outrora seriam inacessíveis. A ocorrência destes vínculos sociais também é influenciada pela semelhança que os membros da comunidade têm nas suas origens e histórias de vida e por consequentemente partilharem valores sociais semelhantes (Rogers & Sukolratanamettee, 2009). Os níveis de heterogeneidade e de diversidade numa comunidade, tendo em conta a diversificação de valores e de necessidades, têm um impacto na força da coesão comunitária, reflectindo-se, por exemplo, no estado civil, na presença de crianças, na idade e no género (Burkhart, 1981; Klein, 1978).

Como o sentimento de comunidade num bairro é definido espacialmente, limites geográficos bem definidos contribuem para a vinculação a um sítio e ao sentimento de comunidade dentro dele (McMillan, 1996). Neste sentido, limites bem demarcados ajudam a estabelecer um sentimento de pertença, que é vital para o sentimento de comunidade (McMillan, 1996; Rogers & Sukolratanamettee, 2009). O valor único e simbólico de um lugar é enaltecido por um ponto focal ou local central e pelos seus limites (Brindley, 2003), que por sua vez irão contribuir para a identidade social e para um sentimento de segurança (Rogers & Sukolratanamettee, 2009). Além disso, a dimensão, ou tamanho, da comunidade também é importante, na medida em que comunidades mais pequenas facilitam aos membros os processos de associação, familiarização e partilha de valores sociais e necessidades (Verbrugge & Taylor, 1980).

O facto de um bairro ser fisicamente atraente também fortalece a coesão social (Buckner, 1988). No estudo de Rogers e Sukolratanamettee (2009) sobre a relação entre o sentimento de comunidade e o *design* dos bairros, os investigadores confirmaram que as pessoas residentes em bairros com um *design* mais ecológico têm um sentimento de comunidade mais forte, pelo menos em termos de actos de apoio entre os moradores, de vinculação ao bairro e de vínculos sociais, em comparação com bairros suburbanos. Os *designs* ecológicos, por exemplo, *designs* com a existência de parques, espaços verdes e passeios, incentivam a actividade ao ar livre em espaços públicos. Estas actividades fornecem espaços físicos para o aumento dos contactos sociais, o que, por sua vez, aumenta o sentimento de comunidade. Os *designs* ecológicos usam os espaços públicos, especialmente

os espaços exteriores como parques e passeios para pedestres, para promover a identidade comunitária e o contacto e interacção sociais, aumentando, assim, o sentimento de comunidade no bairro. Isto coincide com o facto de os residentes de bairros com um *design* ecológico passarem mais tempo ao ar livre (por exemplo em parques) a realizarem actividades que os ligam com outros residentes, do que residentes de bairros suburbanos (Rogers & Sukolratanamete, 2009). Isto vai de acordo aos resultados de Buckner (1988), demonstrando que a vinculação ao lugar cria vínculos afectivos entre os moradores. À medida que os moradores se identificam com o seu bairro, personalizam o seu espaço e investem o seu tempo no bairro e, desse modo, criam uma interacção simbólica com o meio físico, o que irá contribuir para o sentimento de pertença ao bairro, e que, por sua vez, os fará interagir mais com as pessoas e o espaço físico do bairro (Rogers & Sukolratanamete, 2009; Unger & Wandersman, 1985).

Francis, Giles-Corti, Wood e Knuiman (2012) investigaram a relação entre o espaço público e o sentimento de comunidade, em moradores de uma zona metropolitana de Perth. Os resultados mostraram que a qualidade do espaço público se correlacionou com o sentimento de comunidade de forma igual ou melhor que o tamanho e o número dos espaços públicos. Zhang e Lawson (2009) também descobriram que o tamanho e o número de espaços públicos fora dos edifícios residenciais não estavam significativamente associados à interacção social, concluindo que a chave para a interacção social em espaços públicos era a qualidade do espaço público fornecido (Zhang & Lawson, 2009). A associação positiva entre a qualidade dos espaços públicos abertos e o sentimento de comunidade é apoiada por outros autores, afirmando que a presença de espaços verdes dentro de um bairro tem sido associada a vários resultados psicossociais positivos, incluindo o sentimento de comunidade (Kearney, 2006; Lund, 2002; Nasar & Julian, 1995). A qualidade do espaço público aberto pode ser mais importante para as pessoas que realizam actividades recreativas pessoais, ao invés de actividades obrigatórias (por exemplo, levar um cão a passear), dentro do espaço público aberto (Francis et al., 2012). Lund (2002) descobriu que, no bairro geral, o sentimento de comunidade estava positivamente correlacionado com os passeios sem destino e negativamente correlacionado com os passeios com destino. O estudo de Francis et al. (2012) aponta para que, enquanto as pessoas continuarem a visitar os espaços públicos, a frequência com que o fazem não influencia o seu sentimento de comunidade.

Um tema relevante investigado por Townley, Kloos, Green e Franco (2011) é a existência de uma potencial dialéctica entre comunidade e diversidade, na medida em que as

condições contextuais que promovem o respeito pela diversidade muitas vezes são opostas às aquelas que promovem o sentimento de comunidade. Ou seja, apontaram que a diversidade e o sentimento de comunidade estão negativamente relacionados. Quanto aos bairros, a oportunidade para o contacto social entre diversos grupos pode diminuir animosidades e estereótipos, e promover a tolerância e, idealmente, o respeito mútuo (Dixon, Durrheim, & Tredoux, 2005). No entanto, o contacto social não é suficiente para promover o respeito pela diversidade. De facto, existe evidência de que o contacto social superficial na ausência de interações mais significativas pode levar a tensões intergrupais (Townley et al., 2011). Apesar disso, embora o contacto social não seja uma condição suficiente para promover o respeito pela diversidade, é possivelmente uma condição necessária. Ou seja, é preciso ter oportunidades para interagir com outras pessoas antes de se poder desenvolver um respeito pelos pontos de vista e formas de viver dos outros. Em bairros com maior diversidade populacional, os residentes são mais propensos a entrar em contacto com diferentes pessoas, aumentando as suas oportunidades de aceitação de diversas perspectivas (Neal & Neal, 2014). No que toca ao sentimento de comunidade, quando as pessoas têm redes sociais pessoais densas, espera-se que tenham um forte sentimento de comunidade, na medida em que se vêem como membros de uma comunidade forte capaz de trabalhar junta e de se apoiar mutuamente. Por extensão, em bairros povoados por essas pessoas, espera-se encontrar um forte sentimento de comunidade (Granovetter 1973; Grannis 2009). Ou seja, os bairros caracterizados por redes sociais pessoais densas são contextos mais susceptíveis de promover o sentimento de comunidade do que bairros caracterizados por redes sociais pessoais dispersas e fragmentadas (Neal & Neal, 2014).

Deste modo, a existência de uma dialéctica entre comunidade e diversidade, envolve a geração de soluções múltiplas e dependentes do contexto. Em alguns bairros, pode ser preferível promover o respeito pela diversidade, mesmo às custas do sentimento de comunidade, enquanto noutros, o sentimento de comunidade pode ser mais benéfico do que o respeito pela diversidade (Neal & Neal, 2014). Neal e Neal (2014) sugeriram que a psicologia comunitária deveria mudar a sua questão focal de "como se pode promover a diversidade e o sentimento de comunidade neste contexto?" para "qual é o equilíbrio certo entre a diversidade e o sentimento de comunidade neste contexto?". Os autores referem que apesar da abordagem certa ser dependente do contexto e ter em conta as necessidades e os pontos de vista dos membros da comunidade, em geral, pode ser preferível favorecer o respeito pela diversidade ao invés do sentimento de comunidade. Para além de garantir a inclusão e de reduzir as

oportunidades de opressão e marginalização, a abertura a diversos pontos de vista é essencial para a criatividade (Florida, 2002) e é fundamental para criar vínculos entre as pessoas (Granovetter, 1973). Em contrapartida, existem potenciais desvantagens para a promoção de níveis muito altos de coesão e de sentimento de comunidade. As redes sociais densas e fechadas que facilitam sentimentos de pertença também isolam os indivíduos de novas ideias e de outros recursos (Portes, 1998). Por exemplo, os moradores de um bairro urbano pobre com um forte sentimento de comunidade podem beneficiar do facto de prestarem assistência e apoio social entre si, mas também podem negar a inclusão de outros que não partilhem os seus valores e princípios e que sejam vistos como um exogrupo para os moradores do bairro. Neste caso, as redes densas facilitam o trabalho em conjunto, mas também servem para concentrar e reforçar a pobreza.

Esta dialéctica entre comunidade e diversidade pode resultar de tendências comportamentais comuns em relação à homofilia, i.e., a tendência de se associar com outros semelhantes, e à proximidade, i.e., a tendência de se associar com pessoas próximas (Neal & Neal, 2014). Neal e Neal (2014) descobriram que quando existem tendências para a homofilia e para a proximidade na formação de relações, mesmo que de forma muito fraca, os contextos que promovem o respeito pela diversidade são diferentes dos contextos que promovem o sentimento de comunidade. Além disso, dada a universalidade dessas tendências comportamentais, é improvável que os psicólogos comunitários consigam alterá-las o suficiente para simultaneamente promoverem o respeito pela diversidade e o sentimento de comunidade. A solução passa, portanto, por procurar um equilíbrio entre o sentimento de comunidade e o respeito pela diversidade tendo em conta o contexto a ser analisado (Neal & Neal, 2014).

Outro assunto relevante prende-se com a relação entre o sentimento de comunidade e a emigração. A emigração implica um processo adaptativo em contextos interculturais que nem sempre é positivo para as pessoas que emigram pois aumenta a sua vulnerabilidade (Hombrados, 2013). Este maior risco psicossocial dificulta a integração social destas pessoas, pelo facto de neste processo estarem envolvidos não só os emigrantes mas também os membros da comunidade anfitriã. Deste modo, neste contexto o sentimento de comunidade é um bom indicador da integração social. Ou seja, a comunidade é o ambiente no qual se irá produzir a integração e é o contexto no qual o sentimento de comunidade tem um papel importante enquanto via de integração da população emigrante e no desenvolvimento de estratégias que favoreçam uma convivência adequada (Hombrados, 2013).

Hombrados, Gómez-Jacinto e Domínguez (2009) analisaram o sentimento de comunidade e a qualidade de vida com populações autóctones que tinham emigrantes a viver no seu quarteirão e os resultados mostraram que os moradores que não tinham emigrantes a viver no seu quarteirão tinham uma maior percepção de vinculação com os moradores, participavam mais em actividades sociais, tinham maior sentimento de pertença ao bairro e tinham uma maior percepção de receber apoio social que os moradores que tinham emigrantes a viver no seu quarteirão. Quanto à qualidade de vida, os residentes que não tinham emigrantes a viver no seu quarteirão também tinham uma percepção de qualidade de vida mais elevada. Por outro lado, quando se analisaram apenas o sentimento de comunidade e qualidade de vida dos residentes que tinham emigrantes a viver no seu quarteirão, tanto o sentimento de comunidade como a qualidade de vida aumentavam conforme aumentava o contacto com os emigrantes. Especificamente a percepção de vinculação, envolvimento, pertença, apoio social, *empowerment* e segurança aumentavam significativamente. As diferenças no sentimento de comunidade e na qualidade de vida entre os residentes que convivem com emigrantes e os residentes que não convivem com emigrantes, podem ser explicadas pelo facto de que os últimos não precisam de mudar ou de se adaptar à nova situação (Hombrados et al., 2009). Por outro lado, a presença dos emigrantes envolve o desenvolvimento de novas estratégias de interacção social por parte dos moradores autóctones. Os emigrantes tendem a juntar-se em bairros específicos da cidade, nos quais mudam a composição social e económica da área, envolvendo a partilha dos mesmos recursos que os moradores autóctones, particularmente quando vivem no mesmo bloco (Hombrados et al., 2009). No entanto, os resultados mostraram que a coexistência bem-sucedida entre moradores autóctones e emigrantes melhora todos os componentes do sentimento de comunidade, os padrões de interacção que aumentam a vinculação, o apoio social percebido, a segurança, a participação, o *empowerment* e o sentimento de pertença que facilitam a integração intercultural e aumentam a qualidade de vida (Hombrados et al., 2009).

Deste modo, o sentimento de comunidade é um elemento que fortalece a interacção social e a qualidade de vida. O aumento da interacção positiva com os emigrantes aumenta o sentimento de comunidade e a qualidade de vida dos moradores (Hombrados et al., 2009). Assim, segundo os autores, é importante implementar políticas sociais que desenvolvam intervenções que promovam a mediação nas relações interculturais como forma de evitar conflitos e facilitar a integração social. Além disso, o desenvolvimento de estratégias de intervenção que melhorem os componentes do sentimento de comunidade, tais como a

participação na comunidade, o apoio social, o *empowerment*, entre outros, iria promover a integração social e os padrões de convivência intercultural. Estas medidas mencionadas por Hombrados et al. (2009) levantam a mesma problemática identificada por Townley et al. (2011) sobre a dialéctica entre a comunidade e a diversidade e, como tal, devem ser adaptadas consoante o contexto em que sejam implementadas, com o objectivo de se procurar um equilíbrio entre a promoção do respeito pela diversidade e a promoção do sentimento de comunidade.

A relação entre o sentimento de comunidade e a heterogeneidade étnica também está envolvida no tema da dialéctica entre a comunidade e a diversidade. Como já previamente mencionado, limites do endogrupo bem demarcados (por exemplo, físicos, etnoculturais, entre outros) podem fazer com que os membros se sintam tanto física como psicologicamente seguros (McMillan & Chavis, 1986). Deste ponto de vista, a heterogeneidade étnica pode ser considerada como afectando negativamente o sentimento de comunidade. De acordo com esta perspectiva, Wilson e Baldassare (1996) alegaram que os residentes que vivem em cidades mais heterogeneamente étnicas têm um sentimento de comunidade menor. Semyonov, Glikman, e Krysan (2007) levaram a cabo um estudo que envolveu a participação de cidadãos de vinte países Europeus e a maioria destes cidadãos respondeu que o seu bairro ideal não incluiria minorias étnicas. O estudo de Hombrados (2009), previamente mencionado, sobre como a presença de emigrantes afecta o sentimento de comunidade e a qualidade de vida em diferentes bairros, está relacionado com este tema. Os resultados mostravam que os moradores que tinham emigrantes a viver no seu quarteirão tinham um sentimento de comunidade mais baixo, mas que para esses moradores o aumento dos níveis de sentimento de comunidade estava relacionado com o aumento do contacto com os emigrantes.

Castellini, Colombo, Maffei e Montali (2011) analisaram o sentimento de comunidade e as relações interétnicas em dois bairros urbanos diferentes que variavam na heterogeneidade étnica. Os seus resultados mostraram uma correlação inversa entre o sentimento de comunidade e a heterogeneidade étnica, sugerindo assim que a heterogeneidade étnica pode contrastar com o desenvolvimento e/ou a manutenção do sentimento de comunidade a nível local. Estes resultados podem ser melhor entendidos tendo em conta que, de acordo com Sarason (1974), o sentimento de comunidade representa uma experiência transitória estritamente vinculada às mudanças que ocorrem na comunidade. A heterogeneidade étnica pode, portanto, ser considerada como um sinal de mudanças sociais e culturais na comunidade local (Castellini et al., 2011). Onde a heterogeneidade étnica é maior, o enfraquecimento de

um sentimento de comunidade e o aumento das expressões de preconceito, bem como a preferência dada à exclusão (i.e., expressão máxima da intolerância), podem ser interpretados globalmente como uma possível forma temporária de lidar com as mudanças sociais e culturais envolvidas nos fluxos de emigração (Castellini et al., 2011).

Quanto à qualidade de vida, a literatura aponta para uma forte relação positiva entre o sentimento de comunidade e a satisfação com a qualidade de vida, e que quando a interacção social aumenta no ambiente social imediato (como o bairro, o quarteirão, ou a rua), as pessoas ficam mais interessadas nas suas vidas e no bem-estar do resto dos moradores do seu bairro (Hombrados, 2013). O sentimento de comunidade é um componente crítico da satisfação com o bairro, que por sua vez, é dos factores mais importantes para determinar a satisfação de uma pessoa com a sua própria vida (Fried, 1984). Além disso, o sentimento de comunidade é um determinante da qualidade de vida entre todas as classes sociais (Fried, 1984; O'Brien & Ayidiya, 1991). Alguns estudos demonstraram que a experiência de um sentimento de comunidade mais forte pode trazer benefícios psicológicos, que o sentimento de comunidade pode ser uma ferramenta explicativa para o bem-estar individual, e que as percepções dos problemas de saúde estão correlacionadas com a falta de sentimento de comunidade (Davidson & Cotter, 1991; Farrell, Aubry, & Coulombe, 2004; Riger & Lavrakas, 1981). O facto de uma pessoa se sentir vinculada à sua comunidade, pode promover a saúde através da construção de um respeito mútuo e de um aumento da auto-estima (Shields, 2008). Segundo Cramer, Torgersen e Kringlen (2004) um contexto de baixa densidade populacional é fundamental para a qualidade de vida, pois melhora o bem-estar subjectivo, aumenta o número de amigos e reduz a presença de eventos negativos da vida. O isolamento social pode prejudicar a saúde, enquanto a interacção e a vinculação sociais podem levar a resultados positivos para a saúde e reduzir significativamente o risco de mortalidade (Holt-Lunstad, Smith, & Layton, 2010). Fassio, Rollero e Piccoli (2013) descobriram que os indivíduos que vivem em locais com um grande número de habitantes apresentam níveis mais baixos de saúde psicológica e de qualidade de vida relacional e ambiental.

Gattino, Piccoli, Fassio e Rollero (2013) investigaram o impacto do sentimento de comunidade na saúde e na qualidade de vida em várias cidades da região de Piemonte na Itália. Os seus resultados mostraram que a qualidade de vida ambiental, psicológica e física foram afectadas pelo sentimento de comunidade. O sentimento de pertença à comunidade e a percepção de vinculação e interdependência com os outros, ou seja, uma dimensão relacional, teve um efeito positivo na qualidade de vida. Por outro lado, a ligação afectiva que as pessoas

estabelecem com o meio ambiente não foi um preditor da qualidade de vida. Os resultados mostraram também que nos domínios ambiental, psicológico e de relações sociais, a qualidade de vida é melhor para as pessoas que vivem em pequenas cidades do que para as que vivem em grandes cidades, o que está de acordo com os resultados de Cramer et al. (2004) e Fassio et al. (2013). Segundo Gattino et al. (2013), a ligação de estudos sobre o sentimento de comunidade, características ambientais e qualidade de vida que vão para lá das perspectivas focadas nas doenças e patologias pode ser um passo muito promissor. Segundo os autores, a perspectiva a seguir-se deverá estar focada no bem-estar da comunidade. Além disso, esta perspectiva poderia ser de grande interesse para a tomada de decisões políticas no domínio da gestão dos serviços sociais e de saúde, porque se é claro que a qualidade e o estilo de vida diferem de acordo com as características e as dimensões do ambiente, isso pode afectar a organização dos serviços sociais e de saúde, de modo a que as políticas de saúde possam ser adaptadas de acordo com necessidades e situações de vida específicas (Gattino et al., 2013).

O papel das características estruturais do contexto residencial na influência do sentimento de comunidade dos adolescentes é um tema pertinente. Durante a adolescência, o surgimento de novas oportunidades para o envolvimento social e para a exploração de novos valores e interesses que decorrem das transições psicossociais e de mudanças nas relações em diferentes contextos comunitários (por exemplo, bairros e escolas) têm potenciais implicações para a construção do sentimento de comunidade com referência à comunidade residencial (Cicognani, Martinengo, Albanesi, Piccoli, & Rollero, 2014). A participação dos jovens em actividades em diferentes contextos oferece-lhes a oportunidade de cultivar várias relações sociais. Isso ajuda-os a obter um sentimento de ligação e de pertença, que fortalece sua identidade social e comunitária (Cicognani et al., 2014). A experiência de sentir poder e as oportunidades para influenciar e interpretar diferentes papéis sociais são cruciais para a experiência do sentimento de comunidade (Albanesi, Cicognani, & Zani, 2007; Cicognani, Menezes, & Nata, 2011; Evans, 2007). Prezza e Pacili (2007) descobriram que um maior uso dos espaços públicos para brincar durante a infância, como parques, prediz um sentimento de comunidade mais forte na adolescência.

Cicognani et al. (2014) investigaram o sentimento de comunidade em adolescentes em dois contextos territoriais diferentes, nomeadamente nas províncias de Cuneo e Rimini na Itália. Os resultados do estudo mostraram que as características do contexto residencial influenciaram o sentimento de comunidade dos adolescentes, sugerindo que os sentimentos de

ligação com a comunidade dependem em parte das oportunidades estruturais. Os adolescentes que viviam na província com maior qualidade de vida, de acordo com os indicadores mais relevantes para essa população, como a educação, oportunidades culturais e locais de lazer (província de Rimini), tiveram um sentimento de comunidade mais forte do que os jovens da província com menos oportunidades nos mesmos indicadores (província de Cuneo). Este resultado aponta para a interdependência entre as condições de vida estruturais das comunidades e os sentimentos e emoções que as pessoas desenvolvem em relação a estas comunidades (Chavis & Wandersman, 1990; Fassio et al., 2013; Long & Perkins, 2007; Perkins, Florin, Rich, & Wandersman, 1990). Num ambiente positivo, que promove a qualidade de vida para todos os cidadãos, onde as desigualdades estruturais e sociais, inclusive as baseadas no género, são mais baixas, os adolescentes encontram mais oportunidades e razões para desenvolver uma relação positiva com a sua comunidade (Cicognani et al., 2014).

Quadro 1. Estudos recentes sobre o sentimento de comunidade em bairros

Autores	Objecto de estudo	Método	Resultados
Hombrados & López (2014)	Analisar os componentes do sentimento de comunidade que melhor predizem a qualidade de vida de residentes de bairros situados em diferentes contextos socioeconómicos.	Participaram 1583 residentes de Málaga, dos 18-87 anos. 31% dos residentes pertenciam à posição socioeconómica baixa, 34% à posição média e 35% à posição alta. Para analisar o sentimento de comunidade usou-se o <i>Community Assets Survey</i> (Jakes & Shanon, 2002) e para a qualidade de vida o instrumento de Schweitzer, Rosenbaum, Campos, & Gardi (2002).	A satisfação com o ambiente físico do bairro, a motivação para se envolver em actividades do bairro e o apoio social prestado pelas instituições foram os três componentes do sentimento de comunidade que melhor predisseram a qualidade de vida dos residentes sem diferenciar a situação socioeconómica. Segundo a posição socioeconómica, no caso dos residentes situados numa posição baixa a qualidade de vida foi também influenciada pela participação (comunitária e individual). Nas outras duas posições (média e alta) a qualidade de vida foi também influenciada pela percepção de <i>empowerment</i> e pela participação.

<p>French et al. (2014)</p>	<p>Investigar a influência da forma como um bairro está construído, do comportamento de caminhar e da qualidade do espaço para caminhar no sentimento de comunidade.</p>	<p>Participaram 1655 residentes de Perth, dos 18-78 anos. Para analisar o sentimento de comunidade usou-se uma versão modificada do <i>Neighborhood Cohesion Index</i> (NCI; Buckner, 1988), para a caminhada usou-se o <i>Neighborhood Physical Activity Questionnaire</i> (Giles-Corti et al, 2006) e para as percepções do bairro usou-se uma versão modificada do <i>Neighborhood Environment and Walking Scale</i> (NEWS-A; Cerin, Saelens, Sallis, & Frank, 2006).</p>	<p>O sentimento de comunidade foi predito positivamente por caminhar até aos transportes e por percepções positivas da qualidade do bairro, e negativamente pela densidade residencial. A influência das percepções dos residentes sobre o bairro no sentimento de comunidade foi maior que a influência das características objectivas do espaço físico.</p>
<p>Vidal, Berroeta, de Masso, Valera, & Però (2013)</p>	<p>Investigar o papel da participação cívica dos moradores nos assuntos locais (actividades no bairro, envolvimento em entidades locais e pertencer a associações de vizinhos) nos vínculos socio espaciais que ocorrem ao nível do bairro (vinculação ao lugar, identidade de lugar e sentimento de comunidade).</p>	<p>Participaram 995 residentes de Valparaíso e Coquimbo, com uma média de idades de 41,39 anos. Utilizou-se um questionário com várias escalas adaptadas, nomeadamente a <i>Place Identity Scale</i> (Vidal, Valera, & Però, 2010), a <i>Place Attachment Scale</i> (Hidalgo & Hernández, 2001), a <i>Brief Sense of Community Index</i> (BSCI; Long & Perkins, 2003) e a <i>Local Civic Participation Scale</i> (Perkins et al., 1990).</p>	<p>A participação cívica dos moradores nos assuntos locais relacionou-se com a vinculação ao lugar através do sentimento de comunidade. A formação dos vínculos com o bairro (sentimento de comunidade e vinculação ao lugar) foi explicada pela participação nas actividades do bairro e pelo tempo de residência. A vinculação ao lugar foi explicada pela identidade de lugar.</p>

Walton (2016)	Investigar o investimento social psicológico, o sentimento de comunidade e a eficácia colectiva num bairro multiétnico pobre.	Participaram 27 residentes, dos 20-79 anos, de um bairro norte-americano marcado pela pobreza e pela sua composição racial e étnica diversa. Realizaram-se <i>focus groups</i> e entrevistas individuais.	Encontrou-se uma eficácia colectiva substancial no bairro, contrariando as previsões da teoria da desorganização social. Duas estratégias de investimento social psicológico - sentimento de propriedade e representação simbólica - foram facilitadoras do sentimento de comunidade e da eficácia colectiva.
------------------	---	---	---

Os seguintes estudos apresentam resultados recentes e pertinentes sobre a investigação do sentimento de comunidade em bairros segundo diversos contextos socioculturais. Foram analisadas não só características inerentes ao sentimento de comunidade, mas também a influência que o meio tem sobre este, contribuindo assim para o estudo do sentimento de comunidade segundo uma perspectiva ecológica.

Hombrados e López (2014) analisaram os componentes do sentimento de comunidade que melhor predizem a qualidade de vida de residentes de bairros situados em diferentes contextos socioeconómicos, pois este aspecto tem sido pouco estudado na literatura sobre o tema. Realizaram o estudo em diferentes bairros da cidade de Málaga, com uma amostra de 1583 residentes com idades compreendidas entre os 18 e os 87 anos, sendo que 31% dos residentes pertenciam à posição socioeconómica baixa, 34% à posição média e 35% à posição alta. Para analisarem o sentimento de comunidade usaram o *Community Assets Survey* (Jakes & Shanon, 2002) e para a qualidade de vida o instrumento de Schweitzer, Rosenbaum, Campos, & Gardi (2002). Os resultados mostraram que a satisfação com o ambiente físico do bairro, a motivação para se envolver em actividades do bairro e o apoio social prestado pelas instituições foram os três componentes do sentimento de comunidade que melhor predisseram a qualidade de vida dos residentes sem diferenciar a situação socioeconómica. Segundo a posição socioeconómica, no caso dos residentes situados numa posição baixa a qualidade de vida foi também influenciada pela participação (comunitária e individual) e nas outras duas posições (média e alta) a qualidade de vida foi também influenciada pela percepção de *empowerment* e pela participação. A satisfação com o ambiente físico do bairro foi um elemento comum entre todos os residentes, o que pode ser explicado pela satisfação com a aparência geral do bairro, por exemplo pelo número de espaços verdes e de árvores, pela distribuição dos espaços e pela aparência das casas e/ou edifícios, ou seja, factores que

fortalecem o sentimento de comunidade nos indivíduos assim como a sua percepção de qualidade de vida (Foruria et al., 2004). Fried (1982) argumenta que a qualidade objectiva do ambiente exerce uma maior influência sobre a satisfação residencial que a influência exercida pelas diferenças sociais manifestadas na classe social. Por sua vez, o apoio social prestado pelas instituições contribui para a melhoria do bairro e para o desenvolvimento de sentimentos de pertença e de integração social por parte dos residentes (Cohen, Gottlieb, & Underwood, 2000). A qualidade de vida também foi influenciada pela participação na comunidade, que está relacionada com um forte sentimento de comunidade, pois aumenta a satisfação com o bairro e propicia o desenvolvimento de relações mais positivas com os moradores e um aumento do controlo percebido do meio (Chavis & Wandersman, 1990). Deste modo, embora as características físicas de um bairro influenciem a qualidade de vida independentemente da posição socioeconómica, é importante ter em conta as necessidades de cada grupo de população para favorecer o seu sentimento de comunidade (Hombrados & López, 2014).

French et al. (2014) investigaram como o sentimento de comunidade era influenciado pela forma como um bairro está construído, pelo comportamento de caminhar e pela qualidade do espaço para caminhar. O estudo decorreu na área metropolitana de Perth e teve uma amostra de 1655 residentes com idades dos 18 aos 78 anos. Para analisar o sentimento de comunidade usaram uma versão modificada do *Neighborhood Cohesion Index* (NCI; Buckner, 1988), para a caminhada usaram o *Neighborhood Physical Activity Questionnaire* (Giles-Corti et al, 2006) e para as percepções do bairro usaram uma versão modificada do *Neighborhood Environment and Walking Scale* (NEWS-A; Cerin, Saelens, Sallis, & Frank, 2006). Os resultados mostraram que o sentimento de comunidade foi predito positivamente por caminhar até aos transportes e por percepções positivas da qualidade do bairro, e negativamente pela densidade residencial. Um bairro com boas características para caminhar é importante para o desenvolvimento do sentimento de comunidade na medida em que encoraja as pessoas a saírem e a conhecerem o bairro e é um condutor para interacções sociais (French et al., 2014; Lund, 2002). A densidade residencial esteve inversamente relacionada com o sentimento de comunidade, o que se pode dever ao facto de nos bairros com menor densidade populacional os residentes procurarem outros moradores para interagir, enquanto nos bairros com maior densidade as pessoas estão expostas a contactos frequentes com um grande número de pessoas desconhecidas e conseqüentemente afastam-se para minimizar estas interacções (Brueckner & Largey, 2008). Os autores referem que apesar destes resultados a densidade residencial também é afectada pelo contexto do bairro e pelo seu

tamanho, não podendo, portanto, generalizar-se que uma grande densidade residencial tem sempre um impacto negativo no sentimento de comunidade (French et al., 2014). O estudo mostrou que a importância das percepções sobre o espaço construído do bairro no sentimento de comunidade não deve ser subestimada pois a aparência das residências ou das características físicas do bairro leva as pessoas a fazerem inferências sobre os residentes (Foster, Giles-Corti, & Knuiiman, 2010) e isto influencia as interações dentro do bairro e o sentimento de comunidade (French et al., 2014). O estudo revelou também que a influência das percepções dos residentes sobre o bairro no sentimento de comunidade foi maior que a influência das características objectivas do espaço físico, mas é importante notar que embora o espaço construído não afecte directamente o sentimento de comunidade, pode afectar as percepções dos residentes, o que por sua vez afecta o sentimento de comunidade (French et al., 2014).

Vidal, Berroeta, de Masso, Valera e Peró (2013) investigaram o papel da participação cívica dos moradores nos assuntos locais (actividades no bairro, envolvimento em entidades locais e pertencer a associações de vizinhos) nos vínculos socio espaciais que ocorrem ao nível do bairro (vinculação ao lugar, identidade de lugar e sentimento de comunidade). O estudo decorreu no Chile e participaram 995 residentes de Valparaíso e Coquimbo, com uma média de idades de 41,39 anos ($SD = 18,19$). Utilizaram um questionário com várias escalas adaptadas, nomeadamente a *Place Identity Scale* (Vidal, Valera, & Peró, 2010), a *Place Attachment Scale* (Hidalgo & Hernández, 2001), a *Brief Sense of Community Index* (BSCI; Long & Perkins, 2003) e a *Local Civic Participation Scale* (Perkins et al., 1990). Os resultados indicaram que a participação cívica dos moradores nos assuntos locais tem efeitos directos no sentimento de comunidade e indirectos na vinculação ao lugar; que a formação dos vínculos com o bairro (sentimento de comunidade e vinculação ao lugar) foi explicada pela participação nas actividades do bairro e pelo tempo de residência; e que a vinculação ao lugar foi explicada pela identidade de lugar. A participação cívica, que pode entender-se como uma acção-transformação a partir do conceito de apropriação do espaço (Vidal & Pol, 2005), é também uma forma de participação relacionada com o compromisso em melhorar o bairro, que de acordo com Perkins e Long (2002), incide na vinculação ao lugar e no sentimento de comunidade (Vidal et al., 2013). Os autores relataram que a vinculação ao lugar é explicada pela identidade de lugar, na medida em que quem se identifica com o bairro também se sente vinculado a ele.

Walton (2016) realizou uma investigação qualitativa para analisar o investimento social psicológico, o sentimento de comunidade e a eficácia colectiva num bairro multiétnico pobre. No seu estudo participaram 27 residentes, com idades entre os 20 e os 79 anos, de um bairro norte-americano marcado pela pobreza e pela sua composição racial e étnica diversa. Para obter os dados realizaram-se *focus groups* e entrevistas individuais. Os resultados mostraram que num bairro com desvantagens estruturais houve uma eficácia colectiva substancial, contrariando assim as previsões da teoria da desorganização social que indicam que condições estruturais de diversidade racial e de concentração de pobreza predizem que uma comunidade não será capaz de realizar os valores comuns dos seus residentes (Bursik, 1988; Kasarda & Janowitz, 1974). Os resultados mostraram também que duas estratégias de investimento social psicológico - sentimento de propriedade e representação simbólica – foram facilitadoras do sentimento de comunidade e da eficácia colectiva. Ter um sentimento de propriedade e ter uma representação simbólica dos diversos elementos de uma comunidade unida permitem uma vinculação emocional com bairro e com os seus moradores o que vai promover uma eficácia colectiva, ou seja, a capacidade de uma comunidade agir em conjunto para o interesse do bem comum, e do sentimento de comunidade (Walton, 2016). Apesar de viverem em bairros diversos e com baixas rendas, os moradores podem confiar, compreender e simpatizar uns com os outros, o que pode apoiar a sua capacidade de se tornarem membros de uma comunidade com uma partilha de normas para agir em nome do bem colectivo (Bolland & McCallum, 2002). Ou seja, mesmo na presença de desvantagens estruturais, ter um forte sentimento de comunidade serve de base para beneficiar o colectivo pois constitui uma fonte de expectativas partilhadas sobre valores e normas no bairro (Walton, 2016).

Referências

- Albanesi, C., Cicognani, E., & Zani, B. (2007). Sense of community, civic engagement and social wellbeing in Italian adolescents. *Journal of Community and Applied Social Psychology, 17*(5), 387-406.
- Bolland, J. M., & McCallum, D. M. (2002). Neighboring and community mobilization in high-poverty inner-city neighborhoods. *Urban Affairs Review, 38*(1), 42-69.

- Brindley, T. (2003). The social dimension of the urban village: a comparison of models for sustainable urban development. *Urban Design International*, 8, 53-65.
- Brueckner, J. K., & Largey, A. G. (2008). Social interaction and urban sprawl. *Journal of Urban Economics*, 64, 18-34.
- Buckner, J. (1988). The development of an instrument to measure neighborhood cohesion. *American Journal of Community Psychology*, 16, 771-791.
- Burkhart, L. C. (1981). *Old Values in a New Town: The Politics of Race and Class in Columbia, Maryland*. New York: Praeger.
- Bursik, R. J. (1988). Social Disorganization and Theories of Crime and Delinquency: Problems and Prospects. *Criminology*, 26(4), 519-551.
- Castellini, F., Colombo, M., Maffei, D., & Montali, L. (2011). Sense of community and interethnic relations: Comparing local communities varying in ethnic heterogeneity. *Journal of community psychology*, 39(6), 663-677.
- Cerin, E., Saelens, B. E., Sallis, J. F., & Frank, L. D. (2006). Neighborhood Environment Walkability Scale: Validity and development of a short form. *Medicine & Science in Sports & Exercise*, 38, 1682-1691.
- Chavis, D. M., & Wandersman, A. (1990). Sense of community in the urban environment: A catalyst for participation and community development. *American Journal of Community Psychology*, 18(1), 55-81.
- Cicognani, E., Martinengo, L., Albanesi, C., Piccoli, N., & Rollero, C. (2014). Sense of community in adolescents from two different territorial contexts: The moderating role of gender and age. *Social indicators research*, 119(3), 1663-1678.
- Cicognani, E., Menezes, I., & Nata, G. (2011). University students' sense of belonging to the home town: The role of residential mobility. *Social Indicators Research*, 104(1), 33-45.
- Cochrun, S. (1994). Defining, Understanding, and Enhancing Sense of Community in Neighborhoods. *Journal of Planning Literature*, 9(1), 92-9.

- Cohen, S., Gottlieb, B., & Underwood, L. (2000). Social relationships and health. In S. Cohen, L. Underwood, & B. Gottlieb (Eds.), *Measuring and intervening in social support* (pp. 3-25). New York: Oxford University Press.
- Cramer, V., Torgersen, S., & Kringlen, E. (2004). Quality of life in a city: The effect of population density. *Social Indicators Research*, *69*, 103-116.
- Davidson, W. B., & Cotter, P. R. (1991). The relationship between sense of community and subjective well-being: A first look. *Journal of Community Psychology*, *19*, 246-253.
- Dixon, J., Durrheim, K., & Tredoux, C. (2005). Beyond the optimal contact strategy: A reality check for the contact hypothesis. *American Psychologist*, *60*(7), 697-711.
- Evans, S. D. (2007). Youth sense of community: Voice and power in community contexts. *Journal of Community Psychology*, *35*(6), 693-709.
- Farahani, L. (2016). The Value of the Sense of Community and Neighbouring. *Housing, Theory and Society*, *33*(3), 357-376.
- Farrell, S. J., Aubry, T., & Coulombe, D. (2004). Neighborhoods and neighbors: Do they contribute to personal well-being?. *Journal of Community Psychology*, *32*, 9-25.
- Fassio, O., Rollero, C., & Piccoli, N. (2013). Health, quality of life and population density: A preliminary study on “contextualized” quality of life. *Social Indicators Research*, *110*, 479-488.
- Florida, R. (2002). *The rise of the creative class: And how it's transforming work, leisure, community, and everyday life*. New York: Basic Books.
- Foruria, A., Mitchell, S. H., Jones, D. G., Tadlock, H. L., Weakly, D. L., & McDonald, T. W. (2004, April). *Factors Influencing Neighborhood Quality of Life in a city-wide Sample*. Poster presented at the Annual Meeting of the Western Psychological Association in Phoenix, AZ.
- Foster, S., Giles-Corti, B., & Knuiiman, M. (2010). Neighborhood design and fear of crime: A social-ecological examination of the correlates of residents' fear in new suburban housing developments. *Health & Place*, *16*, 1156-1165.

- Francis, J., Giles-Corti, B., Wood, L., & Knuiman, M. (2012). Creating sense of community: The role of public space. *Journal of Environmental Psychology, 32*(4), 401-409.
- French, S., Wood, L., Foster, S. A., Giles-Corti, B., Frank, L., & Learnihan, V. (2014). Sense of community and its association with the neighborhood built environment. *Environment and Behavior, 46*(6), 677-697.
- Fried, M. (1982). Residential Attachment: Sources of Residential and Community Satisfactions. *Journal of Social Issues, 38*, 107-119.
- Fried, M. (1984). The structure and significance of community satisfaction. *Population & Environment, 7*(2), 61-86.
- Gattino, S., Piccoli, N., Fassio, O., & Rollero, C. (2013). Quality of life and sense of community. A study on health and place of residence. *Journal of Community Psychology, 41*(7), 811-826.
- Giles-Corti, B., Timperio, A., Cutt, H., Pikora, T. J., Bull, F. C. L., Knuiman, M., & Shilton, T. (2006). Development of a reliable measure of walking within and outside the local neighborhood: RESIDE's Neighborhood Physical Activity Questionnaire. *Preventive Medicine, 42*, 455-459.
- Glynn, T. (1981). Psychological Sense of Community: Measurement and Application. *Human Relations, 34*(7), 789-818.
- Grannis, R. (2009). *From the ground up: Translating geography into community through neighbor networks*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Granovetter, M. S. (1973). The strength of weak ties. *American journal of sociology, 78*(6), 1360-1380.
- Hidalgo, M., & Hernández, B. (2001). Place attachment: Conceptual and empirical questions. *Journal of Environmental Psychology, 21*(3), 273-281.
- Holt-Lunstad, J., Smith, T. B., & Layton, J. B. (2010). Social Relationships and Mortality Risk: A Meta-analytic Review. *PLoS Medicine, 7*(7), 1-20.
- Hombrados, M. I., (2013). *Manual de Psicología Comunitaria*. Madrid: Síntesis.

- Hombrados, M. I., Gómez-Jacinto, L., & Domínguez J. M. (2009). The impact of immigrants on the sense of community. *Journal of Community Psychology*, 37(6), 671-683.
- Hombrados, I., & López, T. (2014). Dimensiones del sentido de comunidad que predicen la calidad de vida residencial en barrios con diferentes posiciones socioeconómicas. *Intervención Psicosocial*, 23, 159-167.
- Jakes, S., & Shannon, L. (2002). *Community Assets Survey*. Extraído de <http://ag.arizona.edu/fcs/cyfernet/nowg/Scale>
- Kasarda, J. D., & Janowitz, M. (1974). Community attachment and mass society. *American Sociological Review*, 39, 328-339.
- Kearney, A. R. (2006). Residential development patterns and neighborhood satisfaction: impacts of density and nearby nature. *Environment and Behavior*, 38, 112-139.
- Kitchen, P., Williams, A., & Chowhan, J. (2012a). Sense of community belonging and health in Canada: A regional analysis. *Social Indicators Research*, 107(1), 103-126.
- Kitchen, P., Williams, A., & Chowhan, J. (2012b). Sense of belonging and mental health in Hamilton, Ontario: An intra-urban analysis. *Social Indicators Research*, 108(2), 277-297.
- Klein, D. C. (1978). *Psychology of the Planned Community: The New Town Experience*. New York: Human Sciences Press.
- Long, D. A., & Perkins, D. D. (2003). Confirmatory factor analysis of the sense of community index and development of a brief SCI. *Journal of Community Psychology*, 31(3), 279-296.
- Long, D. A., & Perkins, D. D. (2007). Community social and place predictors of sense of community: A multilevel and longitudinal analysis. *Journal of Community Psychology*, 35(5), 563-581.
- Lund, H. (2002). Pedestrian environments and sense of community. *Journal of Planning Education and Research*, 21, 301-312.
- Lyon, L. (1987). *The Community in Urban Society*. Chicago: Dorsey Press.
- McMillan, D. W. (1996). Sense of community. *Journal of community psychology*, 24(4), 315-325.

- McMillan, D. W., & Chavis, D. M. (1986). Sense of community: A definition and theory. *Journal of community psychology, 14*(1), 6-23.
- Nasar, J. L., & Julian, D. A. (1995). The Psychological Sense of Community in the Neighborhood. *Journal of The American Planning Association, 61*(2), 178-184.
- Neal, Z. P., & Neal, J. W. (2014). The (in)compatibility of diversity and sense of community. *American Journal of Community Psychology, 53*(1), 1-12.
- O'Brien, D. J., & Ayidiya, S. (1991). Neighborhood community and life satisfaction. *Community Development, 22*(1), 21-37.
- Perkins, D. D., Florin, P., Rich, R.C., & Wandersman, A. (1990). Participation and the social and physical environment of residential blocks: Crime and community context. *American Journal of Community Psychology, 18*(1), 83-115.
- Perkins, D. D., & Long, D. A. (2002). Neighborhood sense of community and social capital: A multi-level analysis. In A. T. Fisher & C. C. Sonn (Eds.), *Psychological sense of community: Research, applications, and implications* (pp. 291-318). New York: Kluwer Academic/ Plenum Publishers.
- Portes, A. (1998). Social capital: Its origins and applications in modern sociology. *Annual Review of Sociology, 24*, 1-24.
- Prezza, M., & Pacilli, M. G. (2007). Current fear of crime, sense of community, and loneliness in Italian adolescents: The role of autonomous mobility and play during childhood. *Journal of Community Psychology, 35*(2), 151-170.
- Riger, S., & Lavrakas, P. (1981). Community ties: Patterns of attachment and social interaction in urban neighborhoods. *American Journal of Community Psychology, 9*, 55-66.
- Rogers, G., & Sukolratanamettee, S. (2009). Neighborhood design and sense of community: Comparing suburban neighborhoods in Houston Texas. *Landscape and Urban Planning, 92*(3), 325-334.
- Sarason, S. B. (1974). *The psychological sense of community: Prospects for a community psychology*. San Francisco: Jossey-Bass.

- Schweitzer, J. H., Rosenbaum, R., Campos, A., & Gardi, J. (2002). *Creating Block-Level Sense of Community in Urban Neighborhoods. Home Projects: Families and Communities Together Coalition (FACT)*. East Lansing, MI: Michigan State University-East Lansing.
- Semyonov, M., Glikman, A., & Krysan, M. (2007). Europeans' preference for ethnic residential homogeneity: Cross-national analysis of response to neighbourhood ethnic composition. *Social Problems*, 54(4), 434-453.
- Shields, M. (2008). Community belonging and self-perceived health. *Health reports*, 19(2), 51-60.
- Skjaeveland, O., Gärling, T., & Maeland, J. G. (1996). A multidimensional measure of neighboring. *American Journal of Community Psychology*, 24(3), 413-435.
- Townley, G., Kloos, B., Green, E. P., & Franco, M. M. (2011). Reconcilable differences? Human diversity, cultural relativity, and sense of community. *American Journal of Community Psychology*, 47, 69-85.
- Unger, D. G., & Wandersman, A. (1985). The importance of neighbors: The social, cognitive, and affective components of neighboring. *American Journal of Community Psychology*, 13(2), 139-169.
- Verbrugge, L. M., & Taylor, R. B. (1980). Consequences of population density and size. *Urban Affairs Quarterly*, 16(2), 135-160.
- Vidal, T., Berroeta, H., de Masso, A., Valera, S., & Peró, M. (2013). Apego al lugar, identidad de lugar, sentido de comunidad y participación en un contexto de renovación urbana. *Estudios de psicología*, 34(3), 275-286.
- Vidal, T., & Pol, E. (2005). La apropiación del espacio: Una propuesta teórica para comprender la vinculación entre las personas y los lugares. *Anuario de Psicología*, 36(3), 281-297.
- Vidal, T., Valera, S., & Peró, M. (2010). Place attachment, place identity and residential mobility in undergraduate students. *Psycology*, 1(3), 353-369.

- Walton, E. (2016). "It's Not Just a Bunch of Buildings": Social Psychological Investment, Sense of Community, and Collective Efficacy in a Multiethnic Low-Income Neighborhood. *City & Community, 15*(3), 231-263.
- Wilson, G., & Baldassare, M. (1996). Overall "sense of community" in a suburban region: The effects of location, privacy, and urbanization. *Environment & Behavior, 28*, 27-43.
- Zhang, W., & Lawson, G. (2009). Meeting and greeting: Activities in public outdoor spaces outside high-density urban residential communities. *Urban Design International, 14*, 207-214.